



*Carta a Michail Semenovitch Korsakov (1860)*

*Carta a Michail Semenovitch Korsakov (1860)*

*Carta a Pavel Vasil'evitch Annenkov (1860)*

*Carta a Michail Semenovitch Korsakov (1860)*

*Carta a Michail Nikiforovitch Katkov (1860)*

*Carta a Aleksandr Ivanovitch Herzen (1860)*

*Carta a Michail Nikiforovitch Katkov (1861)*

*Carta a Natal'ja Semenovna Bakunina-Korsakova (1861)*

*Carta a um francês (1870)*



ISSN 2763-5554

OBRAS COMPLETAS EM PORTUGUÊS

# BAKUNIN

# Vive

LA  
COMMUNE!



#2  
FEVEREIRO, 2022.





Revista

# **BAKUNIN VIVE**

ANO 2, N. 02. 1º SEMESTRE DE 2022



A *Revista Bakunin Vive* é uma publicação semestral organizada pelo Arquivo Bakunin e pelo Projeto Obras Completas de Mikhail Bakunin, que se dedicará a publicar traduções inéditas ou retraduições da obra do filósofo russo Mikhail Bakunin (1814-1876).

### **CORPO EDITORIAL**

#### *Editor-Geral*

Tadeu Bernardes de Souza Toniatti

#### *Editores associados*

Francisco Raphael Cruz Maurício  
Leon Martins Carriconde Azevedo  
Luciana Ribeiro de Brito  
Rômulo de Souza Castro  
Sávia Bona Vasconcelos Soares  
Selmo Nascimento da Silva

#### *Diagramação*

Alexandre Wellington dos Santos Silva

#### *Revisão técnica*

Graciela Fabrício da Silva  
Tadeu Bernardes de Souza Toniatti  
Selmo Nascimento da Silva

#### *Arte*

Denner Vieira

### **ARQUIVO BAKUNIN**

### **PROJETO OBRAS COMPLETAS DE MIKHAIL BAKUNIN**

[www.arquivobakunin.org](http://www.arquivobakunin.org)

-

ISSN: 2763-5554 (online)



# SUMÁRIO

Introdução .....	05
Carta a Michail Semenovich Korsakov .....	07
Carta a Michail Semenovitch Korsakov .....	09
Carta a Pavel Vasiljevitch Annenkov .....	11
Carta a Mikhail Semionovich Korsakov .....	12
Carta a Mikhail Nikiforovich Katkov .....	15
Carta a Aleksandr Ivanovitch Herzen .....	17
Carta a Mikhail Nikiforovich Katkov .....	25
Carta a Natália Semionovna Bakunina-Korsakova.....	29
Carta a um francês .....	30
Carta a um francês (continuação) .....	31

15 Januar. 1868.

14. Alfred Strut. Briefs Squere. N.C.

Mein lieber Freund - Verzeih dass  
ich keine recht-gutemamen bin - nur  
wie ich auch, dich, das ich schon wiederwird  
Verprochen war. Ich habe auch  
ich dich nicht. Schon hören, da ich  
eine unverständliche gleichzeit auch  
sind zu schreiben. Ich habe dich - Aber  
hören mich dich. Ich habe dich,  
schreibe mir ein bis jetzt ein  
welche Zeit Verzeihung ich dich zu  
Hast du Pfeffer noch.

Din unverändert. altes  
und alter Freund

H. Bannier



# EDITORIAL

No primeiro semestre de 2021, lançamos o primeiro número da *Revista Bakunin Vive*. Avançamos assim no projeto de trazer à leitora e ao leitor brasileiro a totalidade dos documentos produzidos pelo revolucionário russo e fazê-los circular em edições que respeitem sua forma e conteúdo, o que passa necessariamente por romper com o padrão editorial predominante nas traduções de Bakunin no Brasil, como já salientamos no primeiro editorial: ou seja, com deturpações liberais e marxistas.

Os desafios continuam grandes, dadas as condições materiais de existência e a conjuntura política na periferia do sistema-mundo capitalista. Contudo, temos conseguido avançar e trazemos às leitoras e aos leitores o número dois da *Revista Bakunin Vive* com textos inéditos em português. Nesta edição, temos cartas que foram escritas entre 1860 e 1861 e o texto “Cartas a Um Francês”, datado de 1870. Nessas cartas, Bakunin, que se encontrava na Sibéria Oriental, depois que sua pena foi transformada de prisão perpétua para o degredo, faz contatos com familiares e amigos. Além das referências familiares e de amizades, como agradecimento ao escritor Tolstoy pela sua campanha para modificação da pena, há uma série de observações sobre as movimentações políticas na Rússia, que discutia sobre o fim da servidão no contexto de medidas tomadas pelo novo czar, Alexandre II.

Importante destacar e orientar o leitor que Bakunin vinha de família aristocrática e a interseção da família foi importante para ser mandado para o exílio, conforme narrado pelo próprio autor. Uma vez na Sibéria, também manteve contato com familiares que ocupavam posições de destaque

na administração da região, como o administrador da região, Nikolay Muravyov, que era seu primo de segundo grau. Nessas cartas, relata seu casamento com Antonia Kwiatkowska, filha de um comerciante polonês e apresenta uma pequena descrição da aristocracia russa e de seus *habitus*.

Perceptível também é o momento que percebe as dificuldades de obter respostas sobre uma possível anistia e então passa a traçar os planos de sua fuga e o retorno à ação política. Mesmo nas condições em que estava, procurava fazer contatos e atrair pessoas para a luta política. Em 1859, já em Tomsk, na Sibéria Ocidental, consegue se mudar para Irkutsk, na Sibéria Oriental, onde conseguiu um emprego na Companhia Fluvial do Amur graças a influências familiares, uma vez que o administrador regional era seu primo. Isso lhe permitiu liberdade de trânsito fluvial pelo rio Amur, prerrogativa de que necessitava para sua fuga do exílio siberiano em 1861.

Na carta de 21 de junho de 1860 é interessante notar o início de uma reflexão sobre as comunidades camponesas, que depois foram desenvolvidas em outras obras, como “Estatismo e Anarquia”. Na carta mais longa, com dez páginas, para o escritor e político Alexander Herzen, debate as características da política russa, do seu liberalismo e da falta de ação para modificação da realidade russa. Essa carta mais longa também é um relato importante sobre sua prisão e as transferências, onde destaca necessidade de voltar à ação política e de conhecer ainda mais a realidade russa, principalmente dos camponeses. Nesse sentido, vale destacar que, sendo filho de uma família aristocrática com importantes contatos políticos e constituindo uma relação matrimonial com família de



comerciantes da região, não se acomodou e procurou avançar na luta política pelo socialismo e federalismo.

O conjunto de cartas também é importante para desmascarar todas as acusações falsas que foram feitas por Marx e Engels nos anos de disputa no interior da AIT e que levou à cisão desta mesma com a expulsão de Bakunin, James Guillaume e Adhemar Schwitzguebel. Nessas cartas, Bakunin comenta como concebeu a carta “Confissões” como um documento de exposição de seus ideais. O texto é de 1851 e sua pena só é convertida para o exílio na Sibéria Ocidental, em 1857, a pedido de sua mãe.

Por fim, o texto “Cartas a Um Francês” foi publicado no jornal “La Solidarite”, em 20 de agosto de 1870, e trata do desenrolar da Guerra Franco Prussiana. Nesse sentido, há uma descrição das forças políticas francesas e de suas ações militares. O texto analisa as forças políticas, assim como faz uma análise da disputa entre os Estados Nacionais e da consolidação do poder da Alemanha recém-unificada. Além disso, Bakunin discorre sobre as ações dos socialistas burgueses e dos comunistas e comenta como deveria ser a ação dos socialistas revolucionários. Nesse sentido é interessante notar que ele mesmo vai ser parte ativa, uma vez que através da Federação do Jura, filiada à AIT, procura contato com os franceses na tentativa de articular

uma revolução social a partir de uma insurreição geral na França, começando por cidades como Marselha e Lyon como forma de se solidarizar a Paris. A guerra seria transformada em uma Revolução Social que seria, ao mesmo tempo, a salvação da própria França diante da eminente vitória do melhor preparado exército alemão, que necessitava, segundo Bakunin, da vitória e de tomar Paris para converter a Alemanha na principal força estatal da Europa continental. Tema que ele vai avançar em “Estatismo e Anarquia”.

Nesse texto, Bakunin já observava como jacobinos, socialistas burgueses e comunistas do Estado se articularam contra a revolução, uma vez que existia um temor de que os internacionalistas e os socialistas revolucionários estivessem à frente do processo.

A leitora e o leitor têm em mãos a segunda edição da *Revista Bakunin Vive* que mostra a continuação dos esforços de colaboração autônoma e independente para continuar a divulgação do pensamento de Mikhail Bakunin. Esperamos que militantes sociais e pesquisadores lusófonos encontrem no pensamento de Bakunin uma bússola para ajudar na orientação dos desafios presentes na construção de uma insurgência global pelo socialismo e autogoverno das trabalhadoras e dos trabalhadores.



# CARTA A MICHAIL SEMENOVICH KORSAKOV<sup>1</sup>

31 de janeiro de 1860, Tomsk (RUS)

Fonte: Moscou, CIAM f.864, o.1, d.23

Tradução: Leon Azevedo

Nota: Primeira publicação. A carta é seguida por uma carta de três páginas de Antonija Kwiatkowska e termina com um pós-escrito de Michail Bakunin. Anotação de Michail Korsakov: 11 de fevereiro (data de recebimento da carta).

**P**rezado primo, Michail Semenovit-ch. Estou finalmente escrevendo para você de Tomsk, estou vivendo longe da agitação do mundo, na fazenda que você conhece, ao lado de minha charmosa Antossi que também escreve para você e o ama tanto quanto eu. Fizemos uma excelente viagem, estávamos apenas com um pouco de frio, em compensação tomamos mais vezes o nosso chá nas pousadas e nos demoramos mais tempo por lá, esquecendo os cavalos, os postilhões e a estrada em longas e animadas conversas... Nikolai Nikolaevitch estava de boa saúde e seu humor era excelente. Speshnev e eu comemos e bebemos muito bem. Em Krasnojarsk passamos vinte e quatro horas inteiras; o baile era suntuoso; o lanche, digno do nível do célebre anfitrião que havia mostrado em Irkutsk uma frieza insólita e se compensou em Krasnojarsk mostrando extrema simpatia. Ele parecia ter sido feito para satisfazer até mesmo o menor funcionário, de modo que sua resposta a todas as perguntas foi cortês. Em resumo, ele fez tanto que toda a cidade, começando por Sua Excelência o Governador, e sem mencionar as senhoras que o amam

de qualquer forma e sempre, - a cidade inteira ficou comovida por ele; e quando ele deixou Krasnojarsk ele era muito popular. - Durante o baile o apresentei a um amigo de Klingenberg, o Dr. Lazareff, a quem ele disse que prometeu colocá-lo no primeiro lugar de médico vago em Irkutsk; - O Sr. Lazareff parece desejar a posição de parteira depois de Steffens, que se diz estar prestes a deixar a metrópole da Sibéria Oriental - na noite do dia 24, finalmente chegamos a Tomsk, e fomos diretamente para a fazenda para onde a guarda de honra havia sido enviada e onde todos os grandes notáveis deste Governo endurecido no pecado apareceram um por um, começando pelo governador Ozerskij, e Nikolai Nikolaevitch, como um querubim irado, expulsou, sem mais explicações ou discursos, os pecadores do paraíso terrestre. Ele disse apenas duas ou três palavras ao Governador e este se afastou. E nós fomos deixados sozinhos. Ele passou três ou quatro horas conosco, tomou seu chá, seu jantar, foi extremamente gentil e caloroso, agradou a todos, todos ficaram maravilhados, ele mesmo, parece, muito satisfeito e feliz e seguiu seu caminho. Lamento tê-lo deixado; posso entender como alguém pode não gostar dele, mas é impossível sentir uma frieza ou mesmo um amor moderado por ele. Uma grande inteligência, uma vontade heroica e, sobretudo, um coração grande, nobre e

---

<sup>1</sup> A transliteração dos nomes russos em nosso alfabeto latino varia. Assim, são equivalentes as formas Mikhail e Michail, Semenovitch e Semenovich, etc. Aqui Bakunin usou aparentemente grafias tchecas para o nome Semenovič. (N. dos E.)





ardente. Ele é um homem no sentido mais nobre da palavra, e nunca encontraremos outro como ele. Que Deus nos conceda que nos encontremos novamente e o mais rápido possível viver e agir com ele e compartilhar seu destino, bom ou ruim. Nikolai Nikolaevitch prometeu cuidar ativamente do meu perdão e ele parece esperar que eu possa voltar à Rússia. Em qualquer caso, passaremos quase mais um ano com você, e talvez mais tempo, se os trabalhos valem a pena para eu ficar na Sibéria. Até o momento, não há nada definido. Volkov, ao que parece, não está muito seguro de sua posição, e até mesmo a própria posição de Benardaki parece vacilante na Sibéria. Ele chegou, veio nos ver ontem na fazenda e, na companhia de Romanov, passou quase uma hora conosco; à noite, ele seguiu seu caminho. Diz-se que ele estará retornando em meados ou fins de março. Agora, meu bom Michail Semenovitch, tenho um pedido para você. Na fazenda o primo de Antonie se apresentou a Nikolai Nikolaevitch, ele é o jovem Feliks Kwiatkowski, cerca de 20 anos de idade, que não terminou seus estudos no ginásio por causa da preguiça, mas ele é um bom jovem, não é estúpido, que prometeu se tornar alguém útil com o tempo. Ele pediu para entrar no serviço como Junker na região do Rio Amur e Nikolai Nikolaevitch me pediu para pedir em seu nome que fosse transferido para o batalhão de Blagoveshtchensk, com o posto de Junker com dois anos de experiência. Estou enviando o pedido de Kwiatkowski pela mesma carta, com todos os documen-

tos necessários anexados, e espero que você me informe rapidamente sobre sua inscrição para que possamos levá-lo conosco a Irkutsk, já que estamos partindo no final de fevereiro. Todos os meus escritos estão prontos e só aguardam a chegada de Klingenberg, que sem dúvida já estará a caminho de Tomsk quando você receber minha carta, e ele os levará a Nikolai Nikolaevitch. Mas aqui está outro pedido: peça ao mensageiro que será enviado a você depois de Kligenberg para vir me ver também na fazenda Astaev, estou preparando um artigo para o Russkij Vestnik que eu gostaria de pedir-lhe para dar a Kaktov, o editor desta revista. Agora, adeus, eu devo dar espaço a minha esposa que quer ser ela mesma a lhe agradecer por sua carta.

Seu devoto  
M. Bakunin.

Antonie lhe envia um grande neuma que, em cerca de três semanas, os Izvolskij lhe dará. [...] [...]

A carta deve ser encerrada, apesar de alguns erros que são perdoáveis por causa da pressa.

O censor  
M. Bakunin

Antossja diz, e tenho que acreditar nela, que os erros devem ser atribuídos unicamente à chegada de Henrich Kraevskij e sua esposa, da qual todos nós nos regozijamos como loucos. #



# CARTA A MICHAIL SEMENOVITCH KORSAKOV<sup>2</sup>

14 de Fevereiro de 1860, Tomsk (RUS)

Fonte: Moscovo, CIAM f.864, o.1, d.23

Tradução: Leon Azevedo

Nota: Primeira publicação. Anotação de Michail Korsakov: 24 de Fevereiro (data de recepção da carta).

Prezado primo, Michail Semenovitch.

**K**ligenberg me disse que você estava com raiva de mim, porque eu teria recomendado o Sr. Podlesnij a você como um homem inteligente e honesto. Isso é verdade? Lembro-me de lhe dizer que, de minha parte, gostaria que tanto Podlesnij quanto Linkov permanecessem em Irkutsk, se possível, para que, como eles tinham sido culpados em relação a mim no caso Rozental, depois do qual eu tive que romper relações com eles, eles não imaginassem que eu estava me vingando deles e que eles tinham sido removidos como resultado da minha calúnia; ao fazer isso, acrescentei que embora eu não os conhecesse bem, ambos me pareciam honestos, sendo Linkov uma pessoa capaz e honesta, e Podlesnij um indivíduo um pouco estranho, se não um idiota completo; como prova disso, lembro-me de lhes falar do memorando que ele havia apresentado ao General Vencel', no qual ele invoca o princípio da economia política para lhe ajudar; ele se descreve em cores vivas como um capitalista tão desmonetizado que está reduzido à venda de objetos de luxo, como por

exemplo: uma colher de prata e um capote da moda, assim como objetos ligados a necessidades básicas: um sobretudo, botas e calças. Também me parece que não escondi de você que ambos estão sob a poderosa influência direta de Petrashevskij e L'vov, e que meus esforços para libertá-los deste abominável império têm sido em vão. Acredite em mim, Michail Semenovitch, não é o desejo de salvaguardar meu amor próprio, mas um sentimento totalmente diferente que me leva a fazer esta explicação, já me enganei vezes demais para considerar que minhas opiniões são infalíveis, e que, apesar de todos os meus esforços para evitar erros no futuro, estou certo de que vou cometê-los muitas vezes. Portanto, não é uma questão de amor-próprio, para o inferno com isso! A questão para mim é que você não pode pensar que sou capaz de lhe recomendar alguém que pouco conheço, sem respeito por sua confiança e com indiferença imperdoável às consequências de minha ação.

Nesta ocasião, permita-me, caro primo Michail Semenovitch, repetir minha profissão de fé que uma vez expus a Nikolaj Nikolaevitch. Não gosto de me adornar com penas de pavão e vangloriar-me de uma importância que não é minha, de uma influência direta ou indireta, oculta ou aberta sobre a força dos outros. Sem de forma al-

---

<sup>2</sup> A transliteração dos nomes russos em nosso alfabeto latino varia. Assim, são equivalentes as formas Mikhail e Michail, Semenovitch e Semenovich, Petrashevskij e Petrashevski, etc. Aqui Bakunin usou aparentemente grafias tchecas para os nomes: Semenovič e Petraševkij. (N. dos E.).



guma menosprezar minha dignidade pessoal, reconheço plenamente que estou em uma posição subordinada, e sem me afligir por isso, mas sim glorificando-me nela, não me esforço para melhorar falsamente essa posição, argumentando a partir de circunstâncias fortuitas que não me trazem nenhuma honra em particular, por exemplo, de um parentesco remoto com o Governador Geral. Não é apropriado esperar tal vaidade mesquinha e estúpida da parte de alguém que, em seu tempo, não teve medo de lutar contra os czares. Não gosto do parentesco por causa da falsa importância que ele pode me dar, mas sim quando ele me aproxima de pessoas simpáticas que, como você e como Nikolaj Nikolaevitch, eu posso estimar e amar com todo o meu coração. Soterar meu amor-próprio, esforçando-me para mudar a realidade, ao mesmo tempo em que confio em uma fraqueza temporária, substituindo-a pelo fantasma oco de qualquer influência eventual, não é meu estilo, e ninguém é mais capaz como eu de obedecer plenamente ao provérbio “a cabra deve pastar na estaca onde está amarrada” e esperar pacientemente que essa estaca, quando as circunstâncias e o espírito dos tempos mudarem, dê lugar a um campo de atividade mais amplo. Perdoe-me por esta longa explicação; senti que era essencial evitar futuros mal-entendidos entre nós. Acredite em mim, Michail Semenovitch: para mim, recomendar alguém aos meus superiores não é uma questão de desejo ou vaidade, mas uma coisa extremamente desagradável que eu acho difícil de aceitar, e se eu dei o passo ousado de recomendar Maslovskij a você, foi apenas porque eu estava certo de que, com o tempo, você mesmo me agradeceria por isso.

Nossa vida aqui é tranquila e muito, muito agradável, nós ficamos fechados dentro das paredes da fazenda, e nunca saímos. Escrevemos, lemos, conversamos, fazemos muitas caminhadas, e às vezes, para nos distrair e quebrar a monotonia, jogamos xadrez, cartas e também loteria, um jogo inventado pelos alemães mais apáticos em

uma terrível crise de marasmo. Você pode imaginar que a loteria se tornou um jogo da moda em Tomsk hoje, um jogo que finalmente encontrou sua verdadeira expressão. Aqui não há vida social, nem um único jovem decente, e até mesmo os velhos você tem que procurar com uma lanterna. É por isso que não renovamos nossas relações com ninguém. Não precisamos nem sequer falar sobre a torpeza local. Você tem que vir a Tomsk, na Sibéria Ocidental, para apreciar plenamente a Sibéria Oriental. Entre o governador Ozerskij e o presidente da administração governamental Anneskij, tio do ex-presidente de Tchita, surgiu uma disputa em decorrência da qual Annenskij foi removido, Ozerskij está tremendo porque ouviu que seus inimigos unidos, Annenskij e Gerngros, estão se preparando para difamá-lo no Kolokol.

Eu enviei a maior parte de minha carta à Herzen, 12 folhas de caligrafia fina, para Nikolaj Nikolaevitch através de Klingenberg, que passou por aqui no dia 10. Agora estou terminando a segunda parte enquanto espero pelo seu Correio, que vou tratar de ver. Antonie e sua irmã Sophie estão copiando meus escritos que, em nosso retorno a Irkutsk, eu lhes pedirei que escutem.

Vamos esperar aqui o máximo de tempo possível, esforçando-nos, no entanto, para não perder a última estrada de inverno, primeiro por causa de Antonie que está tão feliz no círculo familiar, segundo porque não tenho nada a fazer em Irkutsk no momento, e terceiro porque quero, se possível, esperar aqui por Volkov que prometeu chegar no início de março.

Perdoe-me, meu bom Michail Semnovitch, por ter escrito uma carta tão longa, tentei escrevê-la com minha melhor caligrafia, e acredite no meu profundo respeito e sincera simpatia.

Do seu fiel  
M. Bakunin

Minha esposa manda seus cumprimentos e pede que você não a esqueça. Toda a família dela também o saúda.



# CARTA A PAVEL VASILJEVITCH ANNENKOV

25 fevereiro 1860, Tomsk (RUS)  
Fonte: São Petersburgo, IRLI f.7, d.20  
Tradução: Redemoinho Traduções

Querido amigo Pavel Vasilievitch, eu tinha lhe escrito há dois anos, mas eu não recebi nenhuma resposta. Acredito que minha carta não tenha chegado até você e, então, lhe escrevo pela segunda vez.

Minha carta será entregue por Nikolai Aleksandrovitch Spetchnev, um homem que você terá o prazer de conhecer. Ele o apresentará, se você desejar, para o Conde Nikolai Nikolaevitch Muraviev-Apostol, um homem que, nesses últimos tempos, esses crápulas de Zavalichin e Petrashevskij tentaram conspurcar de todas as formas, mas que, de acordo com meus três anos de experiência e de minha firme convicção é, pelo seu coração, pela sua inteligência, pelas suas atitudes, pela sua orientação, e por tudo o que se deve esperar dele no futuro, um dos melhores e mais necessários homens da Rússia. Eu gostaria profundamente que você o conhecesse e, em seguida, acontecesse aquilo que você sabe.

Você ouviu dizer que me casei. Eu vivo atualmente em Irkutsk, trabalhei na -2019800375 Companhia do-2019800375 Amur, mas esta está em vias de explodir, se é que já não o fez, e eu procuro novamente um lugar e ocupações para suprir as necessidades de minha esposa e as minhas. Muraviev me prometeu conseguir o meu direito de voltar à Rússia. Eu não tenho dúvida

que ele tentará com todo o seu coração, mas se terá sucesso, essa é uma outra questão. Se ele tiver sucesso, nós nos veremos no próximo inverno, - eu ficarei contente em conhecê-lo, e você? Mas, eu jamais esquecerei que é em parte por você que eu devo a liberdade, a vida, a você e graças a Tolstói.

O que mais posso lhe dizer? Eu ficaria feliz em lhe dizer muitas coisas se apenas me permitisse a liberdade de escrever com todo meu coração. Mas eu não quero fazê-lo agora, em vez disso esperarei sua resposta, senão de todo coração e ficar sem resposta me daria vergonha.

Portanto, adeus, eu lhe aperto calorosamente as mãos.

Seu fiel  
M. Bakunin

Se quiser me escrever, Spetchnev e Kavelin lhe dirão meu endereço. Você pode começar a escrever diretamente à "Sua excelência Michail Semenovitch Korsakov, na cidade de Irkutsk" sob um envelope interno lacrado, coloque meu nome. Você pode também escrever por intermédio do correio. Apenas me envie unicamente seu endereço direto e também o de uma senhora qualquer.





# CARTA A MIKHAIL SEMIONOVICH KORSAKOV<sup>3</sup>

11 de abril de 1860, Irkutsk (RUS)  
Fonte: Moscou, CIAM, f. 864, o. 1, d. 23  
Tradução: Leon Azevedo

Nota: Primeira publicação. Anotação de Korsakov: 23 de abril – data de recepção. Traduzido do francês, a partir da tradução do russo do IISG<sup>4</sup>

Caro primo Mikhail Semionovich,

**O** homem, ao presumir, se engana nas suas decisões. Eu planejava passar a festa com você, mas tendo deixado Tomsk em 14 de março, tive de ficar em Krasnoiarsk<sup>5</sup> para esclarecer e resolver a minha situação. Não chegaremos a Irkutsk antes de meados de maio. Atualmente ocupo o posto de encarregado de diversos empreendimentos com Bernardaki<sup>6</sup>, em pessoa, com um ordenado de 2 mil rublos em dinheiro, à espera de coisa melhor, o que pode ocorrer ou não. Não retor-

narei aos auspícios das bandeiras da Companhia do Amur a não ser quando, caída em melhores mãos, esta mostrar por meio de uma ação pertinente, para ela mesma e para o mundo, sua utilidade e seu direito de existir. Muito, quase tudo, depende de Nikolai Nikolaevich<sup>7</sup> e eu aguardo suas notícias com indizível impaciência. Ele me prometeu, dentre outras coisas, se engajar seriamente na concessão do meu direito de ir à Rússia e parecia certo do êxito, muito mais do que eu próprio. Que Deus lhe conceda sucesso nessa empreitada bem como em todas as demais. Já é hora de eu rever minha mãe – ela é idosa e espero ansiosamente o momento no qual poderei lhe apresentar minha graciosa Antonenka<sup>8</sup> que

3 Михаил Семенович Корсаков, estadista russo que acabara de suceder Muraviev no governo geral da Sibéria Oriental em Janeiro de 1861. Assim como seu antecessor, era parente de Mikhail Bakunin, cujo irmão, Pável, casara-se com uma prima de Korsakov. (N. do T.).

4 Sigla referente ao Instituto Internacional de História Social de Amsterdam; em holandês, Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis (IISG). (N. do T.).

5 Importante cidade russa do oeste siberiano, capital da província de mesmo nome. (N. do T.).

6 Negociante de ouro e proprietário da Companhia Fluvial do Amur, em que Bakunin se empregou em 1859, depois de mudar-se com a esposa de Tomsk para Irkutsk. O emprego, conseguido também graças à influência de Muraviev, permitiu-lhe liberdade de trânsito fluvial pelo rio Amur, prerrogativa de que necessitava para sua fuga do exílio siberiano em 1861. A grafia alternativa, italiana e original, do nome – em que por vezes se encontra – é Bernardacci. (N. do T.).

7 Nikolai Nikolaiévitch Muraviev Amurski (Николай Николаевич Муравьев-Амуурский) militar e diplomata russo de destacado papel na expansão oriental do império russo. Foi governador geral da então chamada Sibéria Oriental de 1847 a Janeiro de 1861. Graças a ele, que era primo de segundo grau de Bakunin, este foi autorizado a mudar-se para Irkutsk, capital da Sibéria Oriental. (N. do T.).

8 Diminutivo carinhoso de Antonina Kwiatkowska (Антонина Ксаверьевна Квятковская), com quem Bakunin já se casara já no exílio em Tomsk em 1858. (N. do T.).



a cada dia se torna melhor, mais adorável e inteligente, por quem estou até hoje perdidamente apaixonado e que estimo mais a cada dia. A dura experiência em Tchita nos foi útil, tornamo-nos ambos mais inteligentes. Como você vê, Mikhail Semionovich, sua bênção e seus bons conselhos nos beneficiaram. Levaremos conosco, provavelmente, sua irmã Sofia.

Retorno, porém, a Nikolai Nikolaevich. Seus sucessos, tirando tudo que concerne a mim, e seu destino me interessam mais do que eu poderia expressar, uma vez que são os sucessos e o destino do melhor e mais útil homem da Rússia – o destino de uma Rússia onde não há outro Muraviev-Amurski. Contudo, diversos rumores mal-intencionados correm aqui; em que medida são falsos ou verdadeiros? Voltará ele à Sibéria? quando e como? Você sabe, certamente, tudo isso. Não duvido que, tendo ele se despedido de Petersburgo em maus termos e caso parta para uma longa estadia no estrangeiro, tampouco você gostaria de ficar muito tempo na Sibéria. Os sentimentos hostis, as expectativas e os desejos começam, ainda que timidamente, a manifestar-se também aqui. A palavra alemã *Schadenfreude*<sup>9</sup>, a alegria maliciosa e dissimulada, direcionada para o mal, exprime perfeitamente as verdadeiras disposições da maioria dos funcionários locais, a começar pelos presidentes... Esses senhores, eméritos veteranos da contra-verdade oficial de toda sorte, regozijam-se ainda mais quando a sua mão, de um peso imparcial e destemido, começa, também aqui, a se fazer sentir. As pessoas o temem. As habilidosas remoções, realizadas a sangue-frio, do comissário de polícia Zybin, esse velho intermediário entre os sistemas administrativos opostos de Irkutsk e Yeniseysk<sup>10</sup>, o seu veto à questão das empresas de certo negociante privilegiado de Krasnoïarsk-Kabakov, tudo

isso forçou muita gente aqui a refletir e a população de funcionários locais o considera de maneira deferente e tímida, mas sem apreço. Essas coisas não lhe agradam, Mikhail Semionovich, e eu o compreendo perfeitamente. Sua vida em Irkutsk deve lhe parecer vazia; trabalho incessante mesmo em casa e quase nada para o coração. Você ainda não viveu essa metade inteira da sua vida, que é certamente a melhor. Mas será verdadeiramente impossível conciliar esses dois elementos? Que Deus lhe dê, assim que possível, uma bela recompensa, uma jubilosa consolação, uma companheira encantadora e digna de si, de quem você pudesse se orgulhar e também ela, de você. A partir desse momento você fará tudo com alegria. E que nobre causa lhe legou Nikolai Nikolaevich, apaixonado por toda a imensa obra da região do rio Amur, ele apenas teve tempo de esboçar um programa administrativo para a Sibéria Oriental; ele só fez agitar a bandeira. Agora é preciso que a carta se torne verdade – é preciso que o espírito da administração de cada um de vocês se torne para todos uma verdade e uma realidade tangíveis, e esta é quase a causa mais difícil, e, ao mesmo tempo, a maior e mais benfazeja de toda a Rússia. Enfim, a consciência daquilo que podemos fazer em larga escala, como criar um lucro geral, o bem geral e particular, libertar pouca pouca multidões inteiras, elevá-las, humanizá-las, constitui quase a consolação e a felicidade supremas, bem como a suprema dignidade do homem. Seria possível que você renunciasse a isso?

Perdoe-me, falei demais. Seja bom, Mikhail Semionovich, e se tiver quaisquer notícias concretas de Nikolai Nikolaevich que possa compartilhar comigo, faça-me saber por carta ou outro meio, como julgar conveniente, e envie a Natália Semionovna<sup>11</sup> a carta em anexo rogando-lhe que

9 Regozijar-se com o infortúnio alheio – sadismo. Em alemão no original. (N. do T.).

10 Pequena cidade na região rural da província de Krasnoïarsk na Sibéria. (N. do T.).

11 Trata-se de Natália Korsakova, prima do governador da Sibéria Oriental e cunhada de Bakunin, casada com seu irmão Pavel. (N. do T.).



a encaminhe à minha mãe. Reenvie igualmente para mim em Krasnoiarsk as cartas que você certamente recebeu em meu nome, assim como o endereço da sua irmã Natália Semionovna. Meu endereço é: M. A. Bakunin, Krasnoiarsk, casa Benardaki, antiga casa Pachomova.

Ainda uma requisição, para terminar. O primo de minha esposa, Feliks Kwiatskowski, gostaria de ingressar no serviço militar na região do Amur. Vimos retornar, porém, seus papéis por falta de um certificado de nobreza. Que ele é nobre está provado e é um fato; sua família escreveu a Vitebsk, ao marechal da nobreza, pedindo-lhe que me enviasse o certificado de nobreza. Porém, se tivermos de aguardar a resposta,

demasiado tempo se passará, quase um ano, talvez, e ele terá perdido um ano inteiro de serviço e atividade. Acaso não seria possível integrá-lo aos oficiais quando forem passados dois anos de seu alistamento, sob a condição de que ele apresente o certificado de nobreza? Se possível, eu lhe rogo realizar essa boa ação, Mikhail Semionovich, para que este jovem rapaz não perca tempo e para que a ociosidade não o corrompa.

Dito isso, permaneço com meus sinceros respeitos,

Seu devotado  
M. Bakunin



# CARTA A MIKHAIL NIKIFOROVICH KATKOV<sup>12</sup>

21 de junho de 1860, Irkutsk (RUS)

Fonte: São Petersburgo, IRLI<sup>13</sup> f. 16, o. 3, d. 86

Tradução: Redemoinho Traduções

Meu caro amigo,

Já não me recordo mais de quantas cartas lhe escrevi sem receber de volta sequer uma linha. Após a sua primeira carta, você se calou tão obstinadamente que eu teria acreditado que estava morto, se não fosse por outras pessoas que me falaram de você, e se eu não tivesse encontrado no *Russkii Vestnik* as marcas de sua nobre e viva atividade. A não ser que você tenha medo de me escrever? Por correio esse temor é concebível, mas há outros meios seguros, por exemplo, os mensageiros. Encaminhe sua carta ao portador da presente, Evgeny Ivanovich Ragozin<sup>14</sup>, e ele a fará chegar até mim por mensageiros – e, se você quiser, dou-lhe a minha palavra de honra de que a queimarei tão logo a te-

nha lido.

Recomendo-lhe Evgeny Ivanovich, um rapaz inteligente, nobre e pertinente que deseja intensamente se aproximar de você. O *Russkii Vestnik*, segundo ele mesmo, contribuiu enormemente para a sua educação política. Ele também conhece bem o Amur<sup>15</sup>, em particular o Transbaikal<sup>16</sup>, e poderia lhe fornecer numerosas informações interessantes, pertinentes e, principalmente, justas a esse respeito. Receba-o por amizade a mim e a ele, pois eu não lhe enviaria um homem mau ou néscio.

E então, meu camarada, como vão acabar nossas reformas pacíficas? Atenção! que a estupidez da nobreza e, principalmente, a puerilidade e a irreflexão petersburguesas, não produzam nas profundezas da vida popular este terrível espírito sub-

12 Jornalista russo editor do “Mensageiro russo” ou “Russkii Vestnik” (Русский вестник). De ideias liberais e reformistas, tornou-se progressivamente mais conservador após o Levante de Janeiro polonês (1863), recrudescendo para posturas nacionalistas e monarquistas. (N. do T.).

13 IRLI é a sigla transliterada para Instituto de Literatura Russa, em cirílico Институт русской литературы, também conhecido como Casa de Púshkin, instituição filiada à Academia Russa de ciências, localizada em São Peterburgo. (N. do T.).

14 Trata-se de Евгений Иванович Рагозин, economista e jornalista russo, editor do Semanário (Nedelya, Неделя). De posições democráticas, integrou o grupo revolucionário Terra e Liberdade (Земля и Воля, 1861) sob influência de Herzen. (N. do T.).

15 Амур é um curso d’água no extremo oriente russo que desenha as fronteiras entre a Sibéria russa, a China e a Mongólia. À época, com o imperialismo russo e a Segunda Guerra do Ópio em curso, o Amur era um importante terreno de disputa para a diplomacia russa que pretendia expandir as fronteiras orientais sobre a Manchúria. Em última análise, seu nome denota toda uma região. (N. do T.).

16 Região montanhosa a leste do lago Baikal, em cuja bacia hidrográfica Bakunin se encontrava. (N. do T.).





terrâneo, ainda mais terrível na Rússia que onde quer que seja. Ademais, nem toda nobreza é estúpida; em alguns governos existe uma minoria inteligente, e queira Deus que ela atraia em seu encalço a toda a massa dos nobres. Eu li as considerações de Unkovsky<sup>17</sup>, que você certamente já conhece, e estou inteiramente de acordo com elas, salvo em um ponto – a saber, aquele em que a nobreza de Tver reivindica para si o privilégio particular de servir em cargos eletivos. Esse ponto é uma pura monstruosidade. Que a nobreza, por sua superioridade material e intelectual, procure e obtenha a influência desejada sobre a administração interna, considero não apenas natural como também legítimo, eu desejo essa influência; mas que esta se transforme em um privilégio jurídico, sendo reconhecido como um direito exclusivo, é aí que eu vejo um disparate nefasto. A aristocracia nunca vai pegar na Rússia, e é perigoso e estúpido criar uma aristocracia artificial. Parece-me, além disso, que a maioria liberal do comitê de Tver, adotando o único ponto antipático de sua tese, ponto que não corresponde de forma alguma ao espírito e à harmonia do todo, realizou, por assim dizer, uma concessão a fim de atrair a maioria da nobreza de Tver, e ela aparentemente alcançou seu objetivo. Fiquei, sobretudo, satisfeito do fato de que meus irmãos e os ou-

tros nobres que partilham de suas opiniões tenham de fato procedido à libertação dos camponeses de suas terras e à transformação de seus domínios com base no trabalho assalariado, sem esperar pelas decisões burocráticas de Petersburgo. Em síntese, seus princípios, excetuando-se o ponto supracitado, certamente me agradam – parece-me que somente sua larga e urgente aplicação pode salvar a Rússia da revolução. Uma questão resta pendente: uma vez liberta a comunidade, como libertar o indivíduo da comunidade? Porque ambas as coisas são igualmente importantes, e sem isso não haverá vida na Rússia. Estou contente que você tenha conhecido meu amigo Genrich Kraevskii. Estou certo de que ele lhe agradeceu. Ele está inteiramente satisfeito de ter se aproximado de você e me escreveu dizendo que encontrou mais do que esperava encontrar. Acolha, portanto, também Ragozin, não como meu amigo, mas como um homem de mérito e simpatia. E agora, adeus, dirijo-lhe meus melhores votos e, principalmente, desejo-lhe sucesso na causa sagrada.

Seu  
Mikhail Bakunin

Por favor, dê a Ragozin a carta de recomendação para Kavelin<sup>18</sup>.

---

17 Alexei Mikhailovich Unkovsky (Алексей Михайлович Унковский), jurista russo contrário à servidão. Como juiz, processou o governador de Tver, Aleksandr Pavlovich Bakunin, primo em segundo grau de Mikhail Bakunin, por abuso de poder. Em 1857 enviou a Alexandre II uma nota pela abolição da servidão, a distribuição de terras para os servos e seu livre reassentamento, que foi publicada por Herzen. Em 1859, integrando como deputado da nobreza as comissões das reformas de Alexandre II, defendeu a emancipação camponesa e o autogoverno Zemstvo, pelo que foi colocado sob vigilância policial. (N. do T.).

18 Konstantin Dmitrievich Kavelin (Константин Дмитриевич Кавелин), historiador, jurista e sociólogo russo, conhecido como pioneiro no liberalismo russo, ao lado de Herzen, que fez publicar sua celebrada proposta de emancipação camponesa. (N. do T.).



# CARTA A ALEKSANDR IVANOVITCH HERZEN

08 de dezembro de 1860, Irkutsk (RUS)  
Fonte: Moscou, RGALI f. 2197, o.l, ed. chr. 209  
Tradução: Leon Azevedo

Amigo Herzen,

**S**eu recado chegou enquanto eu terminava a resposta ao Kolokol em anexo. Falar da minha emoção, da minha profunda alegria ao ver sua letra tão cara seria supérfluo. Mas ele me confortou também num outro sentido, ao me fazer ter esperança de que você põe fé nas minhas palavras. É minha terceira carta para você, a primeira, de pelo menos vinte folhas, não chegou; a segunda, de umas doze páginas, foi levado por Bodisko, que você conhece, faz umastrês semanas. Eu espero que a referida carta chegue, se não antes, ao mesmo tempo que esta aqui, que não está terminada, mas vou lhe enviar o fim em breve, porque encontrei um meio de levá-la até você. Essas três cartas têm todas, como assunto principal, Muraviev Amurski, que, devido a uma estranha cegueira, você atacou violenta e injustamente há algum tempo.

Bem, sem mencionar que seus ataques não têm o menor fundamento e são definitivamente contrários à verdade, Muraviev, eu lhe digo pela terceira vez, é o único dentre aqueles que, na Rússia, gozam da força e do poder que, sem A MENOR HESITAÇÃO e em quaisquer circunstâncias<sup>19</sup>, podemos e devemos em absoluto considerar como um dos NOSSOS. Ele é um dos nossos pelos sentimentos, pelas ideias, por todos seus atos passados, por suas aspirações, seus

desejos e suas firmes intenções. Como então aconteceu de você não o ter reconhecido, é realmente vergonhoso, Herzen.

Se você soubesse como ele ama o *Kolokol* e como lhe aflige cada barriga que o compromete; se você soubesse do respeito e da simpatia que ele nutre por você e como foram, para ele, amargas as suas acusações imerecidas, CALÚNIAS disseminadas justamente no momento em que, de todos os lados, ele era objeto de inveja e intrigas rasteiras sob a conduta de nosso “Filipe Igualdade”, o grão-duque Konstantin Nikolaevitch. “As pessoas não reconhecem os seus”, olhe aí o que ele disse de você.

Agora ele deixou a Sibéria e o serviço; ele vai para o exterior e definitivamente quer tever; quando você o conhecer, vai dizer: *ecce homo* – eis aí um homem completo em todos os aspectos, tanto pelo coração, como pelo espírito, como pelo caráter, como pela energia. Ele é totalmente dos nossos e o melhor e mais forte de nós: ele carrega em si o futuro da Rússia. Ele decidiu momentaneamente abandonar o serviço, apesar de quererem propor a ele o Ministério das Relações Interiores. Ele decidiu com firmeza não aceitar cargo algum enquanto o sistema governamental não tenha sido radicalmente modificado e seu programa aceito. Quanto a esse programa, eis em algumas palavras de que se trata: 1- Libertação total e absoluta dos camponeses com atribuição de terras; 2- Processo judicial

<sup>19</sup> Parece faltar um elemento na frase do original: “... sans LA MOINDRE HESITATION et dans toute du terme nous pouvons et devos absolument considérer comme NOTRE”. (N. dos E.).



público e com júri, do qual serão passíveis, por erros administrativos, todos os servidores, do mais baixo ao mais alto; 3. Instrução do povo sobre as mais amplas bases; 4. Administração do povo por ele mesmo, com abolição da burocracia e descentralização eventual da Rússia; e em Petersburgo, nem Constituição, nem Parlamento, mas uma ditadura de ferro a fim de liberar os eslavos, começando pela reconstituição da Polônia e uma luta de morte com a Áustria e a Turquia. Eis aí o programa de um Estadista sério, que demonstrou que sabe dar corpo a seus projetos. Eu respondo diante de vocês com a sinceridade de Muraviev, pois eu o tenho como meu melhor amigo. Então, como é que eu - amigo de vocês, amigo de seu *Kolokol*, cuja honra e influência na Rússia, acreditem em mim, não me são menos caras que a vocês próprios - posso ver de que maneira, confusos, cegos, vocês propagam a mentira e a calúnia, atacando o único homem dentre todos na Rússia que vale que nós o defendamos com todas as nossas forças! Agora, escute, Herzen: se você acredita em mim, nesse caso, não publique minha resposta no *Kolokol*; você saberá bem, sem ela, dar a Muraviev toda satisfação, pois é justamente  você  quem deve dá-la a um homem como ele, sem reticências e sem equívoco, mantendo toda prudência a fim de não comprometê-lo demais no que tange ao governo; mas, se você não acredita em mim, ou só acredita em parte e em sua alma ainda restam dúvidas, então, em nome de tudo o que nos uniu e nos une um ao outro, eu exijo que você insira integralmente minha resposta SEM NENHUMA OMISSÃO; e, se você julgar necessário, até mesmo com a minha assinatura. Há momentos em que se deve mandar para o inferno a prudência e todas as outras considerações. A inserção da minha resposta não ocorrerá, eu sei disso, sem grandes inconvenientes. Primeiramente, ela pode me reter mais alguns anos na Sibéria; em segundo lugar, ela pode comprometer de forma prematura Muraviev junto ao governo - e nós todos, na pessoa de Pe-

trachevsky, diante do público russo; enfim, ela comprometerá seriamente o *Kolokol*, que se engana de maneira tão grosseira, tão absurda, tão mortal. E ainda assim, eu exijo sua inserção se, em seu coração e espírito, você não encontrar outro meio de prestar total satisfação a Muraviev. Em toda questão, como numa questão de honra, todo ato de uma ou da outra parte tem necessariamente consequências desagradáveis, em geral penosas para ambas as partes, mas nem uma nem a outra têm o direito de se eximir disso. Você publicou um ataque, publique também a réplica, ou reconheça publicamente que você foi enganado de maneira odiosa, ou que você se enganou de forma imperdoável. Eis o que espero do seu espírito de justiça, de sua dignidade, enfim, de seu comprometimento à causa comum. Você é nosso juiz, Herzen, é verdade; mas, ao mesmo tempo, lembre-se que somos também os seus; entre nós há uma solidariedade por aquilo que é responsabilidade mútua, que nem você nem nós podemos romper. Mas já foi demais sobre esse caso em particular; falemos, no geral, da situação do *Kolokol*. De todos os lados, ouve-se dizer que nos últimos tempos o *Kolokol* perdeu muita influência. As cartas mentirosas de correspondentes são sem dúvida uma das causas desse declínio; bastam dois ou três equívocos como esses cometidos contra Muraviev e a Sibéria oriental para matar a publicação de vocês. Vocês devem mostrar muita circunspeção na escolha de seus correspondentes. Dizem que a Rússia está em processo de degelo; mas por baixo do gelo há sempre muita sujeira, e sujeira não cheira bem. Toda a vida russa, todas as pequenas intrigas e invejas russas, toda nossa lama nauseabunda - solo fértil para interesses vis e vaidades pueris mas vizes - a baixeza, a inveja, o ódio, o vazio e a securados corações ensombrecidos, e as belas frases - as pequenas coisas e as grandes palavras - tudo isso em nossos dias busca uma válvula de escape; e como até o presente ainda não há outro órgão livre além do de vocês, tudo isso toma o caminho do



*Kolokol*; ora, não é difícil hoje esconder o rosto por trás da máscara do liberalismo e do democratismo; quem então não está familiarizado com palavras grandiosas e belas frases! Essas belas frases e essas grandes palavras tornaram-se tão corriqueiras, tão inofensivas anódinas, nós as ouvimos com tanta frequência, e a torto e a direito, em todos os cantos e recantos, mesmo na Sibéria, a ponto de sentirmos de fato um tanto de vergonha ao pronunciá-las. O liberalismo oficial, o democratismo oficial, tudo isso são só palavras, palavras e mais palavras; e a realidade que se esconde por trás deles é tão abjeta, tão mesquinha, que elas nos dão náuseas; as palavras na Rússia têm em mim o efeito de um vomitivo muito violento e ativo por ser muito repugnante. Só se deve confiar naquele que dá garantia de que a palavra será seguida de ação; quanto aos outros, eu agiria da seguinte maneira com relação a eles: quanto mais brilhante fosse aquele que falou, mais alta seria a potência que lhe dirigiria. Muitos de seus correspondentes estão aptos, estão preparados para a nobre ação que à qual os obrigam, ao que parece, suas belas frases? E vocês os escutam. Vocês tomaram para si um compromisso difícil, quase impossível de cumprir: de Londres, julgar pessoas que têm sua atividade na Rússia. Enquanto essa atividade provinha de homens que eram conhecidos de vocês, do tempo dos Nikolaevski, dos Kleinmichel, dos Orlov, dos Zakrevski, dos Panin etc., as coisas eram fáceis; mas hoje entram em cena pessoas que vocês pouco ou nada conhecem. Vocês devem julgá-las de acordo com os dados que lhes são enviados da Rússia.

Quem lhes garante a exatidão desses dados? Vocês não deveriam ter na Rússia alguns homens que compartilham de suas opiniões, que conhecem o país e têm qualidades práticas e senso, em cuja boa-fé e em cujo espírito de justiça vocês teriam tanta confiança como em vocês próprios, e que verificariam e confirmariam todos os dados recebidos por vocês? Do contrário, vocês serão sempre enganados e perderão

toda autoridade na Rússia. Bem, não é fácil encontrar homens assim na confraria das gentes das Letras, quiçá entre os demais dos nossos círculos antigos; a maior parte das pessoas se anestesiaram, congeladas de medo, vivendo, agindo e perorando como mortos entre os mortos.

A vida do público russo, oficial ou não, oferece hoje um estranho espetáculo! Um reinado de sombras onde se movem, falam e, ao que parece, pensam e agem símiles de seres vivos, mas que, no entanto, não o são; há entre eles a retórica de todas as paixões, mas nenhuma característica comum predominante, nem mesmo o caráter. Tudo ali é literatura, escrita e palavrório, mas não há a menor faísca de vida e de ação, o menor interesse pelo que quer que seja. E não se sente vontade de dirigir a palavra a ninguém, pois sabe-se de antemão que das palavras não sairá nenhuma ação. A literatura hoje floresce, é o seu reino. Os Panaev triunfam e a confrariada das gentes das Letras bate perdidamente no peito vazio, mas do peito sai um som forte, pois não há coração ali; as cabeças estão cheias de fórmulas ressecadas e influenciadas por ideias e frases feitas, mas não há um cérebro vívido e fecundo; os músculos estão sem força, e nas veias não há sangue; tudo são sombras, sombras que peroram com eloquência e debitam palavras ocas; entre essas sombras, nós mesmo nos tornamos sombras. Essas sombras se entregam hoje a um miserável comércio, utilizando o pequeno capital acumulado por Stankevitch, Belinski, você, Granovski; elas dormitam e deliram em voz alta, fazem com a mão sinais de impotência e só recobram o senso de realidade quando estão em questão sua pessoa ou sua vaidade, única paixão real das pessoas ditas convenientes, paixão igual àquela da carteira, que predomina exclusivamente em toda as outras categorias sociais do PÚBLICO russo. Pode-se esperar milagres de sombras? E no entanto, a Rússia só pode ser salva por milagres de inteligência, de paixão e também de vontade. Eu nada espero dos nomes conhecidos na literatura,





em vez disso, ponho fé na força adormecida do povo, na classe média – não na classe dos comerciantes, ainda mais corrupta que a nobreza –, fé na classe média não reconhecida oficialmente como tal, formada continuamente pelos servos libertos, empregados comissionados, os burgueses, os filhos de popes; todos esses guardam ainda a inteligência penetrante e o espírito audaz de iniciativa russos, eu creio também que a própria nobreza, enquanto classe, é uma grande promessa...

[Nota do Sr. Dr.<sup>20</sup>: Com essas palavras chega ao fim o primeiro caderno da carta. Em seguida vem o segundo, em outro formato, mas numerado como 2, e começando pelo que está publicado na sequência, e que se apresenta, no início, como uma variante do fim do primeiro caderno.]

... repleto de ilusões vaidosas. A vida do mundo russo, oficial ou não, oferece hoje um estranho espetáculo! Sob Nicolau, seria possível supor que ela guardava muitos mistérios impenetráveis, muitas forças e energias represadas. Hoje, ela está exposta, e o que vemos? Um reino de sombras onde símiles de seres vivos falam, movem-se e, ao que parece, pensam e agem, porém são sem vida. Há nelas a retórica de todas as paixões, mas não há paixão, não há realismo, nem temperamento, nem personalidade. Tudo é literatura, escrita e palavrório interminável, mas não há ali o menor sinal de vida ou de ação. Não há o menor interesse real pelo que quer que seja, exceto por si, tanto que entre essas sombras nós mesmos nos tornamos sombras; não se tem nem mesmo o desejo de dirigir a palavra a ninguém, porque se sente que ninguém se interessa pela ação e se sabe de antemão que das palavras não sairá ação. A literatura hoje floresce, é o seu reino. Os Panaev

triunfam e a confraria das gentes de Letras bate perdidamente no peito vazio, e o peito emite altos sons, pois não há coração ali. As cabeças estão cheias de fórmulas ressecadas e influenciadas por ideias e frases feitas, mas não há um cérebro vívido e fecundo; os músculos não têm força e nas veias não há sangue; tudo são sombras, sombras que peroram com eloquência e debitam palavras ocas. Essas sombras se entregam hoje a um miserável comércio, utilizando o pequeno capital acumulado por Belinski, você, Granovski; elas dormitam, deliram em voz alta, fazem com a mão gestos de impotência e só recobram o senso de realidade quando sua pessoa, sua vaidade, está em questão – solitária e única paixão real entre as pessoas ditas convenientes, paixão igual àquela da carteira, que predomina exclusivamente em todas as outras categorias sociais do público russo. De sombras pode-se esperar milagres? E no entanto, a Rússia só pode ser salva por milagres de inteligência, de paixão e também de vontade. A revolução russa será terrível e, mesmo sem querer, nós a evocamos, pois somente ela poderá nos tirar desta funesta letargia e nos despertar para as verdadeiras paixões, para os verdadeiros ideais. Talvez ela evoque ou crie seres vivos; quanto à maior parte dos homens notórios de hoje, eles só servem para estar sob o fio do machado. Essa é a minha convicção. Eu chego a me perguntar se muitos dos nossos conseguiram se manter íntegros? A realidade exaure, consome os homens, mas a platitude da vida cotidiana russa os desbota e os desgasta. Turguêniev, Kavelin, Kortch são seres vivos? Seus outros amigos e conhecidos, eu não os conheço; a vida se manteve neles? Prometeram-me apenas que na próxima primavera eu receberei a permissão para ir à Rússia; eu buscarei homens, para mim é de um interesse superior.

20 Nota presente no texto-fonte em francês, aparentemente referindo-se à pessoa que compilou os manuscritos originais da presente carta. Texto original: “[note de M. Dr. : Sur ces mots s’achève le premier cahier de la lettre. Vient ensuite le second, d’un autre format, mais numéroté 2, et commençant par ce qui est publié à la suite et qui se présente, au début, comme une variante de la fin du premier cahier.]” (N. dos E.)



Aqui, além de Muraviev, eu conheci um homem, o jovem general Nikolai Pavlovich Ignatiev, filho do governador geral de São Petersburgo, e, se não me engano, conhecido seu, Herzen. Ele voltou da China, onde ele fez maravilhas. Com 19 cossacos, ele conseguiu, sob as vistas dos embaixadores ingleses e franceses, lordes Elgin e o barão Gros, rodeados de seus exércitos, alcançar o primeiro posto, o posto mais brilhante, e obter para a Rússia as maiores vantagens, infinitamente maiores que as dos próprios franceses e ingleses. Pelos jornais, você ficará ciente do tratado que ele concluiu, mas do que você não ouvirá falar é da barbárie extraordinária das tropas inglesas e sobretudo francesas na China. As primeiras se contentam com maior frequência a se entregar à pilhagem (elas são compostas na maior parte por sipais<sup>21</sup>), enquanto as segundas, as tropas puramente francesas, durante toda a marcha sobre Pequim, violaram as mulheres e em seguida as afofaram, estrangularam ou lhes cortaram os pés. O tato e a disciplina dos russos ficaram avantajados: com 19 cossacos na dianteira, Ignatiev surgiu como o salvador da China; hoje lá estamos com os pés solidamente fincados no Oceano Pacífico. Mas voltemos a Ignatiev: é um jovem homem de uns trinta anos e definitivamente simpático, tanto pelas ideias e sentimentos que exprime quanto por sua natureza audaz, resoluta, enérgica e capaz no mais alto grau. Ele é ambicioso, mas é um grande patriota que reivindica reformas democráticas na Rússia, e isto

para além da política eslava; numa palavra, com leves diferenças, é o que reivindica Muraviev. Eles estão de acordo e vão agir em conjunto. Não seria nada mau que você travasse relações com homens desse gênero; eles não são pensadores, eles escrevem pouco, mas em contrapartida sabem muito e, coisa rara na Rússia, agem muito.

[nota de M.D.<sup>22</sup>: Pensamos que não seja inútil relembrar aos leitores a narrativa que publicou, no *Russkaja Starina* (1882, XII, 644-646) A. N. Muraviev, morto em Kiev, célebre viajante a Jerusalém e Sodoma, delator da parte que o general N. P. Ignatiev tomou, quando diretor do Departamento Asiático do Ministério das Relações Interiores, na nomeação, sugerida por ele a Alexandre II, de M. N. Muraviev, o qual tinha antipatia pelo czar, às funções de diretor em Vilna. Pelo fato mesmo de ter participado nessa nomeação, N. P. Ignatiev rompeu os laços o bastante com o programa que Bakunin expõe acima e, conseqüentemente, ele nos deu inteiro direito de publicar os trechos que lhe diziam respeito na carta de Bakunin. Isso certamente não trará prejuízos às suas funções, mas, na verdade, servirá a seus interesses; será dito: eis como um homem sedeixava levar em 1861, e em 1863 estava completamente desiludido].

Agora, o que lhes dizer de mim, amigos? Eu tenho a intenção de lhes enviar em breve o diário detalhado de meus feitos e gestos, desde nosso último adeus na avenida Ma-

21 Soldados hindus a serviço da Coroa Britânica nas Índias Orientais (N. da T.).

22 Nota presente no texto-fonte, aparentemente referindo-se a outro compilador dos manuscritos originais. Texto original: “[note de M.D.: Nous pensons qu’il n’est pas inutile de rappeler aux lecteurs le récit qu’a publié, dans le *Russkaja Starina* (1882, XII, 644 - 646) A.N.Murav’ev, mort à Kiev, célèbre voyageur à Jérusalem et à Sodome, délateur sur la part que prit le général N.P.Ignat’ev, alors directeur du Département asiatique au ministère des Affaires intérieures, à la nomination, suggérée par lui à Alexandre II, de M.N. Murav’ev, lequel était antipathique au tsar, aux fonctions de directeur à Vilna. Par le fait même d’avoir trempé dans cette nomination, N.P.Ignat’ev a suffisamment rompu ses liens avec le programme qu’expose ci-dessus Bakunin et, par conséquent, il nous donne entièrement le droit de publier les passages le concernant dans la lettre de Bakunin. Cela ne lui portera certainement pas préjudice dans ses fonctions, mais servira plutôt ses intérêts; on dira: voilà comment un homme s’était laissé entraîner en 1861, et en 1863 a été complètement dégrisé.]” (N. dos E.).



rigny, mas hoje lhe direi apenas algumas palavras sobre a situação atual. Detido um ano na Saxônia, primeiro em Dresden depois em Königstein, quase um ano em Praga, cerca de cinco meses em Olmütz, preso à parede, fui transferido para a Rússia; na Alemanha e na Áustria, minhas respostas aos interrogatórios foram muito breves: “Vocês conhecem meus princípios, eu não os escondi e os proclamei em voz alta; eu quis a unidade de uma Alemanha democrática, a liberação dos eslavos, a destruição de todos os reinos constituídos pela violência, em primeiro lugar, a destruição do Império da Áustria; fui pego de arma na mão, vocês têm acusações mais do que suficientes contra mim para me julgar. Não responderei mais a nenhuma de suas perguntas”. Em maio de 1851, fui levado para a Rússia, diretamente para a Fortaleza de Pedro e Paulo, no revelim Aleksei, onde fiquei encarcerado por três anos. Dois meses depois da minha chegada, o conde Orlov veio me ver, representando o imperador: “O imperador me mandou vir até você ordenou que eu lhe transmitisse o seguinte: “Diga-lhe que me escreva como um filho espiritual seu pai espiritual; você gostaria de escrever?” Eu refleti um pouco e disse para mim mesmo: diante de um júri, no decorso de um processo público, eu deveria manter minha posição até o fim. Mas entre quatro paredes, à mercê da gaiola, eu poderia sem escrúpulos suavizar as formas; e, depois de requerer um mês de prazo, eu aceitei; e de fato escrevi uma espécie de confissão, uma espécie de *Dichtung und Wahrheit*<sup>23</sup>; meus atos eram, no mais, tão conhecidos que não me serviria de nada escondê-los. Depois de agradecer, de modo polido, ao imperador por sua benevolente atenção, acrescentei: “Majestade, gostaria que eu lhe escrevesse uma confissão? Pois bem, escreverei, mas sabe bem que ninguém é obrigado a confessar os pecados de outros. Após meu naufrágio, só me resta um único tesouro: a honra e o sentimento de não ter traído nenhum dos que confia-

ram em mim; e é por isso que não darei nenhum nome”. Isso dito, salvas poucas exceções, eu narrei a Nicolau toda minha vida no exterior, inclusive aí todos os meus projetos, impressões e sentimentos, o que não chegou para ele sem várias considerações edificantes sobre sua política interna e externa. Minha carta, que tratava, por um lado, da situação perfeitamente clara e aparentemente sem saída na qual me encontrava e, por outro lado, do temperamento enérgico de Nicolau, foi concebida em termos muito vigorosos e ousados; e é justamente por isso que ela lhe agradou sobremaneira. E o que eu apreciei muito nele é que depois de ter recebido minha carta, ele nunca mais me interrogou sobre o que quer que seja. Detido por três anos em Pedro e Paulo, fui transferido, no início da guerra de 1854, para Schlüsselburg, onde fiquei preso mais três anos. Acometido pelo escorbuto, perdi todos os meus dentes. A reclusão perpétua é algo aterrozante: levar uma vida sem propósito, sem esperança nem interesse. É dizer para si mesmo todos os dias: “eu hoje me tornei um pouco mais animal, e amanhã o serei ainda mais”. Com uma dor de dentes assustadora, que durava semanas e voltava pelo menos duas vezes por mês, não podendo dormir nem de dia nem à noite, não importando o que se fizesse ou lesse; sentir no coração e no fígado, mesmo durante o sono, uma dor lancinante, com esse sentimento fixo: eu sou um escravo, eu sou um morto, um cadáver. Mesmo assim, eu não perdi a coragem; se a religião se mantinha em mim, ela definitivamente sucumbiu na fortaleza. Eu só tinha um desejo: não capitular, não me resignar, não trair, não me rebaixar a ponto de buscar alívio em sabe-se lá qual enganação; guardar até o fim intacto o sentimento sagrado da revolta. Com Nicolau morto, eu me pus a esperar mais vivamente. Houve a coroação, a anistia. De próprio punho, Aleksandr Nikolaevitch me riscou da lista que lhe haviam entregado; e quando um mês depois, minha mãe lhe implorou para

23 Aqui Bakunin faz alusão a uma obra de Goethe, no caso, *Poesia e Verdade* (N. da T.).



que me desse seu perdão, ele lhe declarou: "Saiba, senhora, que enquanto seu filho viver, ele jamais poderá ser livre". Depois disso, eu me comprometi com meu irmão Aleksei, que viera me ver, que eu esperaria mais um mês; passado esse prazo, caso eu não tivesse reconquistado a liberdade, meu irmão prometeu que me traria veneno. Um mês transcorreu; recebi um rescrito que dizia que eu poderia escolher entre a fortaleza e a deportação. Logicamente, escolhi a deportação. Mas a liberação da fortaleza não foi facilmente obtida; o imperador, teimoso como uma mula, rejeitou diversas investidas; um dia, ele foi até a casa do príncipe Gortchakov (o ministro das relações exteriores), com uma carta na mão (precisamente a que eu escrevera em 1851 a Nicolau), e disse: "Mas eu não vejo o menor arrependimento nessa carta". O idiota queria arrependimento! Finalmente, em março de 1857, saí de Schlüsselbourg; passei uma semana na 3ª. Seção e, com o consentimento de Sua Majestade, 24 horas com minha família no interior; em abril, fui transferido para Tomsk. Vivi lá cerca de dois anos e conheci uma família polonesa formidável, cujo pai, Ksaveri Vasilievich Kwiatkowski, trabalha na indústria aurífera. Essa família morava a uma versta<sup>24</sup> da cidade, numa casa de campo ou, como se diz na Sibéria, nas terras de Astangovo, uma pequena morada onde a vida transcorria calma e na observância dos antigos costumes. Eu passei a ir lá todos os dias e me ofereci para ensinar francês e outras coisas às duas filhas; fiz amizade com minha mulher, ganhei sua inteira confiança e me afeiçoei apaixonadamente a ela; ela também se afeiçoou a mim; então me casei com ela e já são dois meses que estou casado e definitivamente feliz. É bom viver não para si, mas para um outro, sobretudo quando esse outro é uma mulher gentil; eu me dei todo para ela; e, da parte dela, ela compartilha no coração e no espírito todas as minhas aspirações. Ela é polonesa, mas não é católica de convicção, é por isso que ela também é isenta de

fanatismo político; é uma patriota eslava. O governador geral da Sibéria ocidental, Hasford, solicitara sem meu conhecimento a permissão de S.M. para que eu arranjassem um emprego civil, primeiro passo para a minha liberação da Sibéria; mas eu não consegui me decidir a aproveitar a oportunidade; me parecia que ao ostentar a insígnia, eu perderia minha pureza e minha inocência; fiz então movimentações para ser transferido para a Sibéria oriental, e foi com grande dificuldade que elas se concretizaram; havia apreensão pela simpatia que Muraviev tinha por mim, o qual viera me ver em Tomsk e manifestou publicamente sua estima por mim. Por muito tempo fui recusado até, finalmente, receber autorização. Em março de 1859, transportei minhas coisas para Irkutsk e entrei para o serviço da Companhia do Amur, que acabava de ser fundada: no verão seguinte, percorri todo o Transbaikal e, no início de 1860, deixei a Companhia, convencido de que não havia nada de útil a tirar dali. No presente momento, estou procurando emprego nas empresas auríferas de Bernardaki; até aqui minhas tentativas não tiveram sucesso e eu gostaria de não depender mais de meus irmãos. Eles não são ricos. No mais, sem aguardar a decisão de São Petersburgo, eles libertaram seus camponeses e lhes doaram terras; todo trabalho lá é feito por mão de obra assalariada, o que exige um grande dispêndio de capital. De qualquer modo, eu vivo aqui em condições bastante difíceis, mas eu espero que meus negócios não tardem a melhorar.

É hora de ir para a Rússia. Até o momento, todas as tentativas de Muraviev de conseguir para mim o direito de voltar para lá foram frustradas. Timatchev e Delgonikov, apoiando-se em algumas denúncias vindas da Sibéria, consideraram-me homem perigoso e incorrigível. Ainda assim, Muraviev está certo de que ele conseguirá minha liberação na primavera que vem. Agora eu tenho muita esperança de que isso dará certo; e ir à Rússia se tornou para mim uma

---

24 Unidade de medida russa que equivale a 1066,8 metros (N. dos E.).



verdadeira necessidade. Eu não nasci para a calma; eu descansei contra minha vontade muitos anos, já é hora de voltar à ação. Minha atividade na Sibéria ficou restrita à propaganda entre os poloneses, propaganda no início muito bem sucedida; cheguei a convencer os melhores e mais sólidos deles de que é impossível aos poloneses separar suas vidas da vida russa e, conseqüentemente, é necessário se reconciliar com a Rússia; eu consegui igualmente convencer Muraviev da necessidade de descentralizar o Império, e do caráter salutar de uma política federativa eslava. Agora, é preciso ir à Rússia para buscar homens, retomar contato com os antigos e descobrir novos; para conhecer mais a fundo a própria Rússia e tentar adivinhar o que se pode – ou não – esperar dela. Seria estranho que o movimento interior, suscitado pela questão camponesa, em conjunto com o movimento exterior, engendrado, ao que parece, por Napoleão, na realidade pela revolução – no fundo, longe de estar morta e sendo Napo-

leão apenas um de seus órgãos – seria estranho, eu digo, que tudo isso em conjunto não desestabilizasse a Rússia. Esperemos o tempo que for possível esperar; e, até lá, amigos, estejam bem.

Seu devotado,  
M. Bakunin

Com a minha próxima carta, enviarei uma a meu amigo Reichel e anexarei meu retrato.

Vocês com certeza querem me responder. Nesse caso, eu lhes peço que enviem suas cartas por viajantes seguros que venham a Petersburgo, seja no nome de Nikolai Pavlovich Ignatiev, seja no nome de Volkov (Iuri Aleksandrovich; dirija-se ao guichê de Bernardaki); ou então, o que talvez seja ainda mais seguro, no nome da minha prima Ekaterina Michailovna Bakunina, superiora da comunidade religiosa da Elevação em Petersburgo.





# CARTA A MIKHAIL NIKIFOROVICH KATKOV

2 a 15 de janeiro de 1861, Irkutsk (RUS)  
Fonte: São Petersburgo, IRLI f. 16, o. 3, d. 86  
Tradução: Redemoinho Traduções

Meu caro amigo,

**H**oje me levantei da cama pela primeira vez após três semanas de doença - febre e erisipela - e sinto ainda uma grande fraqueza nos braços e na cabeça; assim, perdoe-me se a minha letra estiver pior que de costume, e até se não encontrar aqui na carta uma sequência lógica rigorosa. De toda forma, gostaria de lhe falar de um assunto que é, para mim, da maior gravidade - ou seja, do meu futuro. O Conde N. N. Muraviev Amurski<sup>25</sup>, cujos esforços em meu favor foram até o momento presente, fala agora com segurança de um sucesso, de tal sorte que, se as esperanças se concretizarem, eu poderia ir à Rússia em maio ou no começo de Junho.

15 de janeiro de 1861.

Vãos foram os esforços, uma vez que o Príncipe Dolgorukov<sup>26</sup>, julgando pelas de-

núncias recebidas da Sibéria contra mim, não creê que eu tenha o menor arrependimento [...] <sup>27</sup> eu não serei bem compreendido, e somente espero que a força de Muraviev prevaleça. É chegada a hora da minha partida, aqui nada tenho a fazer. Procurei empregar-me com Bernardaki nos negócios do Amur (evidentemente que não nos arrendamentos), porém o trabalho em assuntos privados não somente não deu certo para mim, como tampouco me proveu qualquer lucro, tendo, no mais, me ocasionado dívidas e perturbado completamente minhas finanças. Durante dois anos recebi um ordenado sem nada ter feito, e, não tendo finalmente obtido qualquer emprego, me sinto obrigado a reembolsar a Bernardaki os dois anos de ordenado, cerca de 5 mil rublos, para que não se possa, então, dizer que Bakunin, como parente do governador geral Muraviev, viveu de pensão do fazendeiro-geral<sup>28</sup> Bernardaki. Meus irmãos vão pagá-lo, e vão deduzir da minha parte das nossas terras - na presente circunstância, em que todas as terras dos

25 Trata-se de Nikolai Nikolaiévitch Muraviev Amurski (Николай Николаевич Муравьев-Амуурский) militar e diplomata russo de destacado papel na expansão oriental do império russo. Foi governador geral da então chamada Sibéria Oriental de 1847 a Janeiro de 1861. Graças a ele, que era primo de segundo grau de Bakunin, este foi autorizado a mudar-se para Irkutsk, capital da Sibéria Oriental. (N. do T.).

26 Provavelmente Vasily Andreievitch Dolgorukov (Князь Василий Андреевич Долгоруков), então chefe da gendarmaria, anterior ministro da guerra. A família aristocrática Dolgorukov contava diversos membros, todos encarregados no alto escalão do setor público em diferentes funções. (N. do T.).

27 Parte faltante do texto. (N. do T.).

28 Coletor de impostos. (N. dos E.).



proprietários fundiários se deterioraram e onde seus preços sem dúvida alguma caíram, isso certamente não lhes será fácil, mas fazer o quê, a honra vem antes de tudo. Uma vez que esse dinheiro tenha sido reembolsado, eles não serão, certamente, capazes de me enviar alguma coisa este ano. E é justamente neste ano que precisarei de dinheiro para deixar a Sibéria, depois de ter sanado alguns débitos. Eu refleti, refleti e finalmente decidi apelar à sua amizade pessoal e à simpatia política dos seus amigos – a quem, afinal, tornou-se possível recorrer na Rússia em casos extremos senão às amizades políticas, se tal expressão tiver sentido? A garantia do pagamento deve ser o restante de minha pequena parte nos domínios de meus irmãos e minha atividade futura. Você ainda não perdeu ainda, me parece, a fé nesta última, e sinto que tenho o direito de dizê-lo, porque estou consciente de possuir muita força e desejo de trabalhar. A quantia de que preciso é bastante substancial: 4 mil rublos em dinheiro, evidentemente não em uma única prestação, mas em pagamentos espaçados como for possível, de maneira, no entanto, que se tenha reunido até o fim de maio o valor total dos 4000 rublos.

Decidi dirigir-lhe esta demanda por não ver outra solução para mim; se não te for possível satisfazê-la, deverei ficar na Sibéria. Caso seja realizável, envie o dinheiro, assim como as cartas, em nome do governador civil de Irkutsk, Petr Aleksandrovitich Izvolski<sup>29</sup>, meu grande amigo, acompanhadas de uma breve missiva pedindo-lhe que remeta o dinheiro e a correspondência a Mikhail Aleksandrovitich, sem sobrenome. As cartas que me forem adereçadas não devem, portanto, conter coisas demasiado livres. Se meu pedido for irrealizável

, escreva-me direta e simplesmente, assim como faço agora, e esteja certo de que a sua recusa forçada não levantará em minha alma uma sombra sequer de dúvida acerca da sua amizade. Eu lhe peço somente que essa questão não seja, em nenhuma circunstância, tornada pública, e que mesmo meus irmãos de nada saibam; eles se decidiriam a fazer sacrifícios excessivos que prejudicariam o bem-estar de toda a família e eu não desejo, justamente, esse tipo de coisas. Por hora, parece-me que basta deste assunto. Vou acabar brigando com você.

Diga-me, pelo amor de Deus, por que lhe agradou tanto a Áustria? Poderia ou deveria um russo se regozijar porque o governo austríaco, inimigo declarado, radical e necessário da Rússia, age inteligentemente; porque a Áustria quer se tornar uma potência eslava, ou mesmo, talvez, simplesmente uma república federativa? E caso isso se realizasse, que seria então da Rússia? Será que você não reconhece que a questão da Polônia, de vital importância para a Rússia, não se pode resolver fora do mar eslavo? Ou será que você supõe que a Polónia permanecerá partilhada? É impossível, ela se há de se reunificar e de se unir novamente em um todo contra a Rússia, sob a proteção de uma Áustria eslava; ela cooptará uma após a outra, a Lituânia, a Bielorrússia, a Ucrânia, e toda a pequena Rússia<sup>30</sup>. Que restará então da Rússia? Tendo modificado seu caráter radical, praticamente democrático, ela deveria também correr no fim das contas para debaixo da proteção feudal da casa de Habsburgo-Lorena e dos lordes de almanaques góticos? Não, caro amigo, eu estou firmemente do lado da Rússia, a despeito da sua imobilidade servilmente patriótica e do atual espírito obtuso do seu e dos seus dirigentes, ela deve se tornar ponto de con-

29 Em cirílico, Пётр Александрович Извольский, militar, conselheiro estadual e governador das províncias de Kursk, Ekaterinoslav e Irkutsk. Foi coronel de 1835 a 1854, tendo entrado para o serviço público administrativo em 1856. Em 1858 tornou-se chefe de departamento do Governo Geral da Sibéria Oriental e, em 1859, conselheiro estadual. Permitiu que Bakunin utilizasse seu endereço para correspondência. (N. do T.).

30 “Pequena Rússia” designava parte do território da atual Ucrânia. (N. dos E.).



vergência da renascença eslava; ela deve se fracionar em unidades administrativas independentes, organicamente ligadas umas às outras, e renascer na federação russa, eslava. Ou então, na sua opinião, dois mundos eslavos devem existir: um ocidental e o outro oriental? Mas issoseria antinatural: um devoraria fatalmente o outro. Portanto, que a Rússia devore a Áustria, já que a mordida não é realmente muito grande: os lorenos com a princesa Sofia<sup>31</sup>, minha velha amiga, inclusa, mais duas centenas de lordes germanizados. Você espera que eles sejam inteligentes, já eu conto com a sua estupidez, sua estupidez incorrigível, histórica e fisiologicamente necessária. Eles não são capazes de engendrar nada além de sombras e fantasmas; não espere que cadáveres tenham uma atividade viva. Nós, ao menos dormimos, dormimos de maneira vil, suja, vergonhosa, mas nós somos Ilya Murometz<sup>32</sup> ou ao menos Ivan, o Tolo<sup>33</sup> – existe em nós uma força milagrosa.

Parece-me que você errou em atacar tão ferozmente Luís Napoleão<sup>34</sup>; trata-se de um

canalha, sem sombra de dúvidas, um crápula, mas ele é inteligente, muito inteligente, e, finalmente, não se trata de suas virtudes, mas da sua posição, que o empurra e o levará finalmente lá onde ele não quer ir. *Nolens volens*<sup>35</sup>, ele é o despertar da Europa, e pode-se dizer dele que é como Mefistófeles, no Fausto:

*Ich bin ein Teil von jener Kraft,  
Die stets das Böse will und stets das gute schafft*<sup>36</sup>.

Eu te rogo que não se prenda a ele tão impiedosamente e se recorde das palavras do Sabaoth<sup>37</sup>:

*Ich habe Deines Gleichen nie gehasst... (...)  
Des Menschen Tätigkeit kann allzu leicht erschlafen. Er liebt sich bald die unbedingte Ruh,  
Drum geb'ich gern ihm den Gesellen zu.  
Der reizt und wirkt und muss als Teufel schaffen*<sup>38</sup>.

31 Sofia da Baviera (1805-1827), arquiduchessa da Áustria ao casar-se com Francisco I em 1824. Mãe do arquiducado Francisco José I, então à frente do Império Austro-Húngaro quando da escrita desta carta. Sofia Guilhermina era notória pela grande influência granjeada na corte, sobretudo sobre seu marido. (N. do T.).

32 Herói folclórico russo (Илья Муромец) retratado no Bilina (былина), poesia tradicional épica. Ilya Merometz teria sido um cavaleiro errante (bogatyry). (N. do T.).

33 Outro personagem folclórico, também chamado “Ivan, o Louco”. Trata-se de um anti-herói de contos populares que personifica a tanto a irresponsabilidade, quanto uma certa ingenuidade ardilosa e pueril; o vagabundo errante que vive apenas o presente. (N. do T.).

34 Luís Bonaparte, presidente da França durante a Segunda República, após as revoluções de 1848; extinguiu-a em um golpe de Estado proclamando-se imperador em 1851, tornando-se Luís Napoleão. Seu reinado durou até 1870, quando, derrotado na guerra Franco-Prussiana, parte para o exílio na Inglaterra, onde vem a falecer em 1873. Seu reinado é conhecido, a partir de 1859, como “império liberal” e conta entre seus feitos de destaque a reforma urbana de Paris, levada a cabo com o auxílio do prefeito Hausmann. Era sobrinho de Napoleão Bonaparte, ou Napoleão I, filho de seu irmão Luís I de Holanda. (N. do T.).

35 Expressão latina que significa, grosso modo, “queira-se ou não”. (N. do T.).

36 “Sou parte daquela força que nunca cessa de desejar o mal e produzir o bem”. Goethe. Fausto, *Studierzimmer*, 158. (N. do T.).

37 Um dos míticos nomes de Deus na Torá. Do hebraico תואבצ (Tzevaot), “exércitos”, refere-se à sua forma enquanto “Senhor das hostes”. (N. do T.).

38 “Nunca detestei teus semelhantes/ Afrouxa o homem pronto à atividade/ Em mole indolência se deleita/ Por isso dou-lhe contente companheiros,/ Que o excitam e punjam, e trabalhe como



O conde Muraviev Amurski partirá definitivamente da Sibéria. O brilhante tratado concluído em Pequim<sup>39</sup> por esse bravo rapaz Ignatiev<sup>40</sup> coroou sua obra e ele não tem mais o que fazer na Sibéria. Ele é pouco conhecido na Rússia. É um homem extraordinário pela inteligência, pela energia e pela coragem. Ele pertence à categoria rara e pouco numerosa na Rússia dos homens de ação. Soubesse ele escolher melhor seus representantes, seria um homem genial. Porém essas escolhas foram, em sua maior parte, infelizes, e seus procuradores o comprometeram frequentemente. Trata-se de um homem apaixonado e, portanto, suscetível a deixar-se levar e cometer erros, mas este defeito é compensado por um espírito imenso, pronto, habilidoso, e por um coração nobre ao mais alto nível que, no mais das vezes, corrige as faltas do seu temperamento apaixonado, que, aliás, tornou-se muito mais moderado. Ele é o homem do futuro da Rússia. Eu gostaria muito que vocês o conhecessem, vá vê-lo e diga-lhe que foi a meu pedido. Aviso-lhe apenas que ele detesta os ingleses e a Câmara dos Lordes;

a princípio, ele é mais democrata que liberal, mas além disso, democrata-liberal, herói da descentralização e da autogestão comunitária autônoma, inimigo da burocracia. Conheça-o ao menos como indiscutível personagem histórico, se não no presente, pelo menos no futuro, e espero que um futuro próximo. Na casa dele você verá o coronel Kukel<sup>41</sup> que vai lhe entregar, provavelmente, uma carta minha. Um homem muito capaz, muito hábil, mas pertencente certamente a uma categoria má e nefasta de poloneses. Ele é hipócrita, nervosamente sensível, rechonchudo e frio; ele enlaçou como uma serpente esse pobre leão Muraviev – e não obstante, ele pode lhe ensinar muitas coisas sobre a Sibéria Oriental, sobre o Amur. Escute-o, mas só creia que lhe parecer verossímil.

Resta-me abraçar-te calorosamente e desejar ver-te em breve, assim como pedir-te uma resposta o mais rápido possível, por intermédio do governador Izvolski.

Teu devoto,  
Mikhail Bakunin.

---

o diabo”. Goethe. Fausto, Prólogo no Céu, 115-124. (N. do T.).

39 Trata-se do Tratado de Pequim de 1860, assinado entre a Rússia e a China, redefinindo as fronteiras de ambos os países em torno do rio Amur. Assinado forçosamente pelo príncipe Gong após a derrota na Segunda Guerra do Ópio contra a Inglaterra e a França, basicamente concedia ao Império Russo os territórios do rio Ussuri (afluente do Amur) e do Litoral (Território Marítimo, cuja capital é Vladivostok). (N. do T.).

40 Conde Nikolai Pavlovich Ignatiev (Николай Павлович Игнатьев), diplomata russo famoso por seu expansionismo violento no contexto do imperialismo russo do final do século XIX. Sua maior conquista teria sido a assinatura do Tratado de Pequim, arrematando grandes glebas de território da Manchúria chinesa. Também atuou como embaixador no Império Otomano, onde inflamou sentimentos nacionalistaspan-eslavistas culminando no Levante de Abril ou Rebelião Búlgara de 1876. (N. do T.).

41 Provavelmente Adolf Józef Kukel, polonês ligado ao Comitê Nacional da Galícia de resistência ao imperialismo russo. No Levante Polonês de 1863 tornou-se Comissário do Governo Nacional. (N. do T.).



# CARTA A NATÁLIA SEMIONOVNA BAKUNINA-KORSAKOVA<sup>42</sup>

Começo de fevereiro de 1861, Irkutsk, (RUS)  
Fonte: São Petersburgo, IRLI<sup>43</sup> f. 16, o. 3, d. 89  
Tradução: Redemoinho Traduções

[falta o começo da carta]

**A**inda não tive o prazer de conhecê-la pessoalmente; contudo, conhecendo sua amizade pela minha família, decidi-me por lhe fazer uma humilíssima solicitação. Peço que tenha a boa vontade de remeter ou reenviar a carta em anexo ao meu irmão Nikolai, a uma de minhas irmãs ou de meus irmãos, somente lhe rogo que o faça por outras vias que não os correios e o quanto antes. Esta carta não é fácil de ser lida e, dado seu conteúdo, é para mim importantíssima. Além do mais, escrevi a meu irmão por intermédio de Klingenberg, que provavelmente não o encontrou em Petersburgo. Se possível, retome minha carta de Klingenberg e envie-a, também de outra forma que não por correio, para Premukhino<sup>44</sup> – e se vir um dos meus, diga-lhe que a preguiça é vergonhosa: veja que já faz exatamente um ano que não recebo uma linha sequer deles. Veja, Natália Semionovna, que mal faz ter

a reputação de bondosa e simpática.

P.S: Ainda uma palavra: aproveitando-me do bom convite que você me me transmitiu no ano passado, mandarei que lhe entreguem regularmente minhas cartas para Premukhino, rogando-lhe somente de não as enviar por correio, mas, assim que possível, por pessoas de confiança. Minha mãe, meus irmãos e irmãs vão lhe enviar, provavelmente, suas cartas para mim, que lhe serão fáceis de me enviar por mensageiros, ou, se estas tiverem um conteúdo totalmente inocente, até mesmo pelo correio, desde que sob duplo envelope, com o endereço exterior em nome de Mikhail Semenovitch, que me é boníssimo. Será que, de fato, a audácia com que me dirijo a você não a indignará? Você é amiga dos meus pais e amigos e me dirijo a você como a uma parente. Eu lhe rogo transmitir minhas saudações respeitadas à minha tia, assim como a toda a sua família e que agradeça particularmente Aleksandr Semionov pela simpatia que me tem demonstrado.

---

42 Trata-se de Natália Semionovna, cunhada de Bakunin, casada com seu irmão Pavel, e prima em primeiro grau do governador da Sibéria Oriental que sucedera Muraviev em janeiro de 1861, ou seja, Aleksander Korsakov. Muraviev era, por sua vez, primo de segundo grau e protetor do próprio Bakunin, por seu lado materno. (N. do T.).

43 Sigla referente ao Instituto Internacional de História Social de Amsterdam; em holandês, Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis (IISG). (N. do T.).

44 Cidade natal de Bakunin, Прямухино. (N. do T.).





# CARTA A UM FRANCÊS

Extrato (70021AEF)

Agosto-setembro, 1870 Locarno, (SUI)

Publicado em: La Solidarité, 20 agosto de 1870, Neuchâtel

Tradução: Luciana Brito

**H**á, nesse momento, em Paris, duas coisas que entravam a revolução: de um lado, entre os bonapartistas, o patriotismo ocultando a reação e servindo de pretexto às medidas mais despóticas; de outro lado, entre os revolucionários, o medo - pueril, penso eu - de que a revolta sirva à invasão estrangeira. Os deputados radicais mostraram ser o que são, criadores de frases, bastardos saudosos dos Jacobinos de 1793. Eles não souberam, não se atreveram a tomar o poder. A audácia e a inteligência para lidar com a situação também lhes faltaram. Ousaram fazer tagarelices ilegais, mas não realizar atos ilegais de salvação pública. O que eles deveriam ter feito? Deveriam ter imposto condições absolutas, como pareciam pretender fazer no início; depois, em caso de recusa da maioria, se retirar em massa, para não se solidarizarem com esse parlamento reacionário que só pode salvar Napoleão e que deve perder a França. Por esta retirada coletiva, mesmo se houvesse apenas vinte deles, teriam estigmatizado a Casa aos olhos de toda a França, e nesse momento toda a França estaria com eles. Em vez disso, o que é que eles fizeram? Permaneceram por patriotismo, e a maioria imperialista, retomando cada uma das suas propostas, transformou-as em medidas reacionárias: no lugar de seu Comitê de

Salvação Pública, um ministério de ação, o Ministério Palikao; no lugar do armamento imediato e geral do povo, a incorporação de todos os franceses capazes ao exército, um crédito imenso aberto ao Estado imperial e o preço forçado pelo Banco - numa palavra, a salvação da França não por uma sublevação geral do povo, mas pelo reforço da já monstruosa máquina do Estado. Foi a isso que conduziu o radicalismo político dos jacobinos franceses. É por isso - e não sei se compartilharão dos meus sentimentos sobre isso - que, apesar de todo o meu ódio pelos passatempos prussianos, pelas fanfarrônicas insuportáveis e o patriotismo unitário dos alemães, por Bismark e por seu rei, eu desejo vivamente que os franceses sejam derrotados mais uma vez.

Mas, supondo uma nova derrota dos franceses, se por um lado é certo que será a queda de Bonaparte, parece-me igualmente certo que os parisienses não farão uma revolução radical, mesmo na esfera política. Haverá um governo provisório de conciliação, onde Thiers dará as mãos a Gambetta, e o General Trochu as dará a Pelletan ou Jules Simon ou Keratry, e esse governo terá apenas um programa, manter a ordem. Não será Paris que poderá tomar a iniciativa da verdadeira revolução desta vez, a iniciativa pertencerá às províncias. #



# CARTA A UM FRANCÊS (CONTINUAÇÃO)

Continuação (70021BEF)  
25-26 de agosto, 1870. Locarno (SUI)  
[nota de Guillaume: falta a primeira parte]  
Tradução: Luciana Brito

**C**onsideremos novamente a situação geral. Acredito ter provado, e os eventos não tardarão a provar melhor do que eu fui capaz de fazer:

Que nas condições em que a França se encontra atualmente, a França já não pode ser salva pelos meios regulares da civilização, do Estado. Ela só pode escapar à decadência por um esforço supremo, por um imenso movimento convulsivo de toda a nação, pela sublevação armada do povo francês.

(a) Os prussianos, toda a nação alemã considerada como um Estado unitário, como Império - o que ela já é virtualmente - não pode redimir os imensos sacrifícios que ela já fez, nem se salvaguardar contra as vinganças futuras e mesmo próximas da França humilhada, insultada, a não ser esmagando esta última, ditando as condições de uma paz ruínosa para Paris.

(b) Nenhum Estado francês - império, reinado ou república - poderia existir nem por um ano depois de ter aceitado as condições desastrosas e desonrosas que os prussianos serão obrigados, pela força mesma das coisas, a lhes ditar.

(c) Então, o Governo provisório atual - Bazaine, Mac-Mahon, Palikao, Trochu - com seu conselho privado: Thiers-Gambetta - não pode, mesmo se assim o desejar, tratar com os prussianos enquanto restar nem que seja um deles no território da França. Como resultado, há entre todos es-

ses homens que representam quatro partidos diferentes - o império vergonhoso, o orleanismo direto (Trochu), o orleanismo indireto, ou melhor, a república burguesa e sobretudo militar como transição à restauração monárquica (Thiers e Trochu também, sem dúvidas, se a restauração direta se mostrar impossível) e a república burguesa (Gambetta e companhia) - uma trégua tácita. Eles puseram suas bandeiras no bolso e adiaram a luta entre os diferentes partidos para tempos mais pacíficos, dando-se as mãos hoje para a salvação da honra e da integridade da França.

(d) Todos eles são sinceramente patriotas do Estado. Separados em tantos pontos, eles estão completamente unidos num só: são todos igualmente políticos, homens de Estado.

Como tais, eles só têm fé em meios regulares, apenas nas forças organizadas pelo Estado, e um igual horror pela bancarrota que, de fato, é a ruína e a desonra do Estado, não da nação, não do povo; têm um horror pelas revoltas, pelos movimentos anárquicos das massas populares, que são o fim da civilização burguesa e a dissolução certa do Estado.

(e) Eles desejam, então, salvar a França por seus meios regulares e pelas forças organizadas do Estado, recorrendo o mínimo possível aos instintos selvagens da vil multidão, que ofendem a delicadeza requintada de seus sentimentos, de seu gosto e, o que é ainda mais grave, ameaçam sua posi-



ção e a própria existência da sociedade rica e privilegiada.

(f) No entanto, eles são obrigados a recorrer a ela porque a posição é muito séria e sua responsabilidade é imensa. A um poder formidável e magnificamente organizado, eles não têm nada a opor senão um exército meio destruído, e uma máquina administrativa que é abobada, estúpida, corrupta, apenas meio funcional, e incapaz de criar em poucos dias uma força que não foi capaz de produzir em 20 anos. Eles não seriam capazes de empreender ou fazer algo sério se não fossem apoiados pela confiança do público e assegurados pela devoção popular.

(g) Eles são, então, forçados a fazer um apelo a essa devoção. Eles proclamaram o restabelecimento da guarda nacional em todo o país, a incorporação dos guardas móveis ao exército e o armamento de toda a nação. Se tudo isso fosse sincero, eles teriam ordenado a distribuição imediata de armas para o povo em toda a França. Mas isso seria a abdicação do Estado, a revolução social pelo fato, se não ainda pela ideia, - e eles não a querem.

(h) Eles a querem tão pouco, que se tivessem que escolher entre a entrada triunfante dos prussianos em Paris e a salvação da França pela revolução social, não há dúvida de que todos, sem excetuar Gambetta e companhia, teriam optado pela primeira. Para eles, a revolução social é a morte de toda a civilização - o fim do mundo e, consequentemente, também da França. E é melhor, pensarão eles, ter uma França desonrada, diminuída, submetida momentaneamente à vontade insolente dos prussianos, mas com a esperança certa de se reerguer, do que uma França morta para sempre, como Estado, pela revolução social.

(i) Como políticos, eles enfrentaram, portanto, o seguinte problema: apelar ao armamento popular sem armar o povo, mas para aproveitar o entusiasmo popular para fazer entrar, sob diferentes denominações, muitos recrutas voluntários no exército; sob o pretexto do restabelecimen-

to da guarda nacional, armar os burgueses, excluindo os proletários, e especialmente os antigos soldados, a fim de ter uma força suficiente para se opor às revoltas do proletariado, encorajadas pela retirada das tropas; incorporar no exército os guardas móveis que são suficientemente disciplinados e diluídos, ou deixar desarmados aqueles que não são disciplinados e que mostram sentimentos vermelhos demais. Permitir a formação de corpos francos somente na condição de que sejam organizados e dirigidos somente por líderes pertencentes às classes privilegiadas: clubes de jóquei, proprietários nobres ou burgueses, em uma palavra, pessoas de bem.

Na ausência de um poder coercitivo para conter as populações, fazer servir a excitação patriótica destas populações, provocada tanto pelos acontecimentos quanto por suas confissões e suas medidas obrigatórias, para manter a ordem pública, propagando entre elas esta convicção falsa, desastrosa, de que para salvar a França do abismo, da aniquilação e da escravidão que a ameaçam os prussianos, as populações, embora permanecendo suficientemente exaltadas para se sentirem capazes dos sacrifícios extraordinários que serão exigidos pela salvação do Estado, devem permanecer tranquilas, inativas, confiando de forma muito passiva na providência do Estado e do governo provisório que tomou hoje a direção em suas mãos, e considerando como inimigos da França, como agentes da Prússia, todos aqueles que tentariam perturbar esta confiança, esta quietude popular, todos aqueles que gostariam de provocar a nação a atos espontâneos de salvação pública, - em uma palavra, todos aqueles que, justamente desafiando a capacidade e a boa-fé dos atuais governantes, querem salvar a França pela revolução.

(j) Há, por consequência, hoje, em todos os partidos, sem excluir os jacobinos mais vermelhos, e naturalmente também os socialistas burgueses, ambos ofuscados e paralisados pelo medo que lhes inspiram os socialistas revolucionários verdadeira-



mente populares - os anarquistas, ou por assim dizer, os Hebertistas do socialismo, que são tão profundamente odiados pelos comunistas autoritários, pelos comunistas de Estado, quanto pelos jacobinos e pelos socialistas burgueses - há, digo eu, entre todos esses partidos, sem excluir nem mesmo os comunistas de Estado, um acordo tácito para impedir a revolução enquanto o inimigo estiver na França, por duas razões:

A primeira é que não vendo a salvação para a França senão pela ação do Estado e no exagero excessivo de todas as faculdades e poderes do Estado, todos eles estão sinceramente convencidos de que, se a revolução eclodisse agora, ela teria como efeito imediato, natural, a demolição do Estado atual e como os jacobinos e os comunistas autoritários não teriam necessariamente o tempo e todos os meios necessários para reconstruir imediatamente um novo Estado revolucionário, ela entregaria a França aos prussianos, entregando-a primeiro aos revolucionários socialistas.

A segunda é apenas uma explicação e desenvolvimento da primeira. Eles temem e detestam igualmente os socialistas revolucionários, os trabalhadores da Internacional, e, sentindo que nas condições atuais a revolução cairia inevitavelmente, eles querem impedir a revolução com todas as suas forças.

(k) Esta situação singular entre dois inimigos, um dos quais - os monarquistas - está condenado a desaparecer, e o outro - os revolucionários socialistas - ameaça suceder, impõe aos jacobinos, aos socialistas burgueses e aos comunistas do Estado, uma dura necessidade: aquela de se aliarem secretamente, tacitamente, com a reação de cima contra a revolução de baixo. Eles não temem esta reação tanto quanto temem esta revolução. Visto que a primeira está excessivamente enfraquecida, a ponto de poder existir apenas com o consentimento deles, eles se aliam a ela momentaneamente e a utilizam de forma muito desleal contra a segunda.

Isso explica a reação violenta que, com

seu consentimento, reina hoje em Paris. Explica por que prenderam e ousam manter Rochefort ilegalmente na prisão. Você notou o silêncio de toda a oposição radical, e particularmente o silêncio de Gambetta, quando Raspail pediu a sua libertação? Somente o velho Crémieux pronunciou um miserável discurso jurídico, os outros, nem uma palavra. E ainda assim a questão era muito clara: tratava-se da dignidade e do direito de todo o corpo legislativo, da dignidade e do direito de representação nacional, cinicamente violado na pessoa do deputado Rochefort pelo executivo - o silêncio da esquerda republicana significava duas coisas: primeiro, que todos esses jacobinos detestam e temem Rochefort como um homem que desfruta, com ou sem razão, da simpatia e confiança da multidão da cidade - que todos, enquanto políticos, expressão favorita de Gambetta, estão muito contentes de ver Rochefort na prisão; e, em seguida, que existe uma tendência a não fazer oposição ao governo provisório atualmente existente em Paris.

(l) Esta resolução é ainda uma consequência natural de sua posição singular: tendo decidido que a revolução imediata seria desastrosa para a França, e portanto não querendo derrubar este governo (porque derrubá-lo sem revolução é impossível, sendo a maioria do corpo legislativo absolutamente reacionária de tal modo que, para mudar este governo, seria necessário primeiro dissolver violentamente o corpo legislativo), sendo obrigados (por assim dizer) a tolerar este governo que odeiam, os radicais são patriotas demais para querer enfraquecê-lo, porque este governo está agora encarregado da defesa da França, de sorte que enfraquecê-lo seria enfraquecer a defesa, as chances de salvação da França. Daí uma consequência necessária: os radicais são forçados a tolerar, a deixar passar em silêncio todas as intrigas, os atos mais iníquos, até mesmo os disparates mais fatais deste governo, pois é uma verdade reconhecida e mil vezes constatada e confirmada pela experiência de todas as nações,



que nas grandes crises do Estado, quando o Estado é ameaçado por imensos perigos, é melhor ter um governo forte, por pior que seja, do que a anarquia que resultaria necessariamente da oposição que lhe seria feita. Sem corrigir os vícios inerentes a este governo, a oposição e a anarquia que se seguiria enfraqueceriam consideravelmente seu poder, sua ação, e conseqüentemente diminuiria as chances de salvação para a França.

(m) Qual é o resultado? Que a oposição radical, duplamente acorrentada por sua repulsa instintiva ao socialismo revolucionário e por seu patriotismo, se anula completamente e caminha sem vontade na esteira deste governo, que ele reforça e sanciona por sua presença, por seu silêncio e às vezes também por seus elogios e pelas expressões hipócritas de sua simpatia.

Este pacto forçado entre os bonapartistas, os orleanistas, os republicanos burgueses, os jacobinos vermelhos e os socialistas autoritários, é naturalmente vantajoso para as duas primeiras partes, e em detrimento das três últimas. Se alguma vez houve republicanos trabalhando em benefício da reação monárquica, certamente foram os jacobinos franceses liderados por Gambetta. Os reacionários contra a parede, não sentindo chão sob seus pés, e vendo quebrar em suas mãos todos os bons e velhos meios, todos os instrumentos necessários da tirania do Estado, tornaram-se a esta hora excessivamente humanos e polidos - Palikao e o próprio Jerome David, tão insolentes ontem, são hoje de uma afabilidade extrema - eles enchem os radicais, e Gambetta sobretudo, de bajulações e todo tipo de demonstração de respeito. Mas, em troca destas cortesias, eles têm o poder. E a esquerda radical é completamente excluída.

(n) No fundo, todos aqueles homens que agora compõem o poder: Palikao, Chevrau e Jerome David de um lado - Truchot e Thiers do outro - finalmente Gambetta, aquele intermediário semi-oficial entre o governo e a esquerda radical, se odeiam do fundo do coração, e se consideram inimi-

gos mortais, desafiam profundamente um ao outro - mas enquanto fazem intrigas uns contra os outros, são forçados a caminhar juntos, ou melhor, são forçados a parecer que estão caminhando juntos. Toda a potência deste governo está fundada exclusivamente, hoje, sobre a fé das massas populares em sua harmoniosa, completa e forte unidade.

Como o governo só pode ser mantido pela confiança pública, é absolutamente necessário que o povo tenha uma fé, por assim dizer, absoluta nesta unidade de ação e nesta identidade de pontos de vista de todos os membros do governo; enquanto a salvação da França deve ser feita pelo Estado, somente esta unidade e esta identidade poderão salvá-la. É necessário, então, que o povo seja convencido de que todos os membros que compõem esse governo, esquecendo todas as suas dissidências e todas as suas ambições passadas, e deixando absolutamente de lado todos os interesses partidários, deram as mãos francamente para que hoje se preocupem apenas com a salvação da França. O instinto do povo sabe perfeitamente que um governo dividido, despedaçado em todas as direções, e cujos membros estão todos intrigados uns contra os outros, é incapaz de uma ação enérgica séria; que um tal governo poderá perder e não salvar o país. E se ele soubesse tudo o que se passa no seio do governo atual, ele o derrubaria.

Gambetta e companhia sabem tudo o que está acontecendo neste governo, são inteligentes o suficiente para entender que o governo é muito desunido e muito reacionário para empregar toda a energia exigida pela situação e para tomar todas as medidas necessárias para a salvação do país, e se mantêm em silêncio - porque falar isto seria provocar a revolução, e porque seu patriotismo, assim como seu burguesismo, repele a revolução.

Gambetta e companhia sabem que Palikao, Jerome David e Chévreau, aproveitando sua posição, fazem intrigas com Mac-Mahon e Bazaine, para salvar o Impé-





rio se for possível, e em caso de impossibilidade, para salvar pelo menos a monarquia, transformando-a em um reino com a dinastia dos Bourbons ou dos Orleans; eles sabem que o muitíssimo eloquente e parlamentar Trochu faz intrigas com o pai do parlamentarismo, Thiers, e com o taciturno Changarnier, para chamar de volta diretamente os Orleans. Gambetta vê tudo, sabe de tudo, mas ele os deixa agir, sendo ele mesmo patriota demais para se permitir até mesmo uma trama em favor da república. Ele empurra esta renúncia patriótica tão longe que até permite a seus novos amigos da reação Bonapartista, que se tornaram todo-poderosos desde que os acontecimentos mostraram sua impotência para governar a França, demolir e decapitar o partido republicano, suspendendo seus dois principais jornais, o *Reveil* e o *Rappel*, os únicos que ousaram dizer a verdade sobre os acontecimentos que se passam na França e aos habitantes da França.

A mentira oficial está agora mais do que nunca na ordem do dia em Paris e em toda a França. Toda a nação é cínica, sistemática e astutamente enganada sobre o estado real das coisas - no momento em que o exército francês é derrotado e mais da metade dele é destruído, enquanto os prussianos continuam sua marcha vitoriosa sobre Paris - Palikao vem falar sobre as vitórias de Bazaine no corpo legislativo, e todos os jornais de Paris, sabendo a verdade, repetem estas mentiras - sempre por patriotismo. Porque a palavra de ordem em todo o país é salvar a França com mentiras. Gambetta e companhia sabem de tudo isso, e não somente se calam, mas sancionam a mentira oficial pelas expressões hipócritas de uma confiança e de uma alegria que eles estão longe de experimentar. Por que eles fazem isso? Porque eles estão convencidos de que se o povo de Paris e de toda a França souber a verdade, ele se levantará em massa... isso seria a revolução; e por patriotismo assim como por burguesismo, eles não querem a revolução.

O armamento da nação decidido e trans-

formado em lei pelo Corpo Legislativo e pelo Senado, o das guardas nacionais e das guardas móveis não é feito de forma alguma. O povo francês permanece completamente desarmado diante da invasão estrangeira. Gambetta e companhia não podem ignorá-lo pois até mesmo os jornais reacionários de Paris o dizem. Aqui está o que diz "La Presse" de 24 de agosto:

"A guarda móvel mal está organizada em um terço dos departamentos; a guarda nacional sedentária não está armada em nenhum lugar, exceto em Paris" - e em outro artigo:

"Há tradições deploráveis nos escritórios da administração, regulamentações ultrapassadas. Vemos, de um lado, a rotina administrativa e, muitas vezes, a fraqueza de espírito de certos funcionários de alto escalão e, do outro lado, o entusiasmo ardente e resolutivo do povo (...) Os chefes de departamento, muito abaixo da gravidade das circunstâncias, parecem multiplicar os obstáculos e a lentidão por sua tediosa papelada e pela má recepção que dão ao povo"...

Isto é o que está acontecendo nas províncias; em Paris, ameaçada pelo mais terrível perigo, em Paris, sob os olhos destes covardes republicanos infames, é a mesma coisa. Eis o que encontrei em um discurso do 3º Distrito Eleitoral de Paris ao G. Trochu (em 23 de agosto):

"A administração rotineira, ciumenta e formalista parece opor uma força de inércia invencível às legítimas impaciências da população parisiense. Muitas inscrições nas listas da Guarda Nacional permanecem sem nenhum resultado. O armamento é feito com uma lentidão desesperadora e a organização dos quadros não parece ser das mais avançadas... Chamamos sua atenção, General, para este estado de coisas, que tem pouca relação com a seriedade das circunstâncias. É hora de fazer uso de todas as forças vivas da capital... Sem mais desconfiança, sem mais ódio, sem mais medo.."

Mas o G Trochu, assim como Palikao e Chévreau, o Ministro do Interior, o jesuíta e o favorito da Imperatriz, têm um viés, de



acordo com sua situação, seus objetivos e suas opiniões: o de matar sistematicamente o ímpeto espontâneo da nação. Isto é evidente sobretudo nas medidas que tomaram e continuam a tomar a respeito da guarda móvel. Convencidos de que esta instituição, que deveria formar um intermediário útil entre o armamento popular e as tropas regulares, estaria infectada por um profundo sentimento antibonapartista e parcialmente republicano, a condenaram à morte, sem levar em conta os imensos serviços que ela poderia ter prestado naquele momento em defesa da pátria. Vimos o que foi feito com os guardas móveis reunidos em Châlons, assim como perto de Marselha. Agora, eis o que diz “La Presse”, o jornal reacionário. Depois de anunciar que os departamentos de Nièvre e Cher também acabam de ser sitiados, observa que “suas medidas têm se multiplicado nos últimos dias. O poder só deveria utilizá-las com muito discernimento” e, para ilustrar, ele conta o que aconteceu em Perpignan: “As eleições municipais haviam sido realizadas na França no mesmo dia em que chegaram em rápida sucessão as notícias dos desastres de Wissembourg e Forbac. O prefeito de Perpignan achou prudente, para não causar muita excitação aos espíritos, atrasar por 24 horas a publicação desta notícia - da profunda irritação das populações e mais tarde dos distúrbios que levaram à demissão dos guardas móveis”.

É evidente que é um posicionamento de não armar a nação, porque a nação armada é a revolução - e como Gambetta e companhia não querem uma revolução, eles estão silenciosamente deixando o governo reacionário agir.

Pressionados, sem dúvida, pela parte mais radical da população de Paris, que começa a entender a verdade e a perder a confiança e a paciência, Gambetta e companhia, apoiados pela esquerda e até mesmo, diz-se, pela centro-esquerda, fizeram um esforço supremo, exigindo que o governo aceitasse nove deputados como

membros do Comitê de Defesa de Paris. O governo reacionário, que havia notado imediatamente a emboscada, estava atento e não estava nada preocupado em ver estabelecido, sobre as ruínas de sua comissão militar, um Comitê de salvação pública, recusou absolutamente. Mas, por espírito de conciliação, a Imperatriz-Regente acaba de assinar no Conselho de Ministros, em 26 de agosto, um decreto que ordena que os deputados: Thiers, Marquês de Talhouet e Dupuy de Lôme e os senadores General Mellinet e Béhic façam parte do Comitê de Defesa de Paris - a raposa velha Thiers se fez de besta<sup>45</sup> - e o Sr. Gambetta e companhia ficarão em silêncio, sofrerão, porque se entregaram, acorrentados por seu patriotismo e por seu burguesismo.

Mas, enfim, o que eles aguardam? O que esperam? Com o que eles estão contando? Eles são traidores ou tolos? Eles fundaram todas as suas esperanças sobre a energia e o saber-fazer desenvolvidos, ao que parece, por Palikao e Chevreau na questão da organização de um novo exército, e sobre o gênio militar de Bazaine e Mac-Mahon.

E se Mac-Mahon e Bazaine forem novamente derrotados, o que é o mais provável, o que acontecerá?

Palikao e Chevreau, dizem, não contentes de ter dado um novo exército a Mac-Mahon, se ocupam agora da formação de um terceiro exército. Eles acabam de enviar dez comissários aos departamentos para agilizar o treinamento. Eles apresentaram (em 24 de agosto) ao Legislativo um projeto de lei, declarado urgente, chamando às armas todos os ex-militares entre 25 e 35 anos de idade, casados, todos os oficiais até 50 anos e todos os generais até 73 anos. Dessa forma, será formado, diz La Liberté, um novo e excelente exército de 275.000 soldados experientes. Sim, no papel.

Pois não se deve esquecer que aqueles que estão encarregados do treinamento não são comissários extraordinários daquela Convenção Nacional de 1793, que, treinados por eles mesmos e apoiados pelo

---

45 No original, “grand Betta”. Um trocadilho entre grand bêta (bobão) e Gambetta. (N. dos E.)



imenso movimento revolucionário que havia conquistado todas as populações, fizeram milagres. Não são os gigantes da Convenção Nacional, são os prefeitos, funcionários públicos e administradores de Napoleão III, ladrões e ineptos, que estão encarregados desta formação.

A imensa tolice, o grande crime e a grande covardia de Gambetta e companhia é não ter derrubado o Governo Imperial e não ter proclamado a República, há mais de 15 dias, quando a notícia da dupla derrota dos franceses em Fröschwiller (Wörth) e Forbach havia chegado a Paris. O poder estava no chão, só tinha que ser recolhido. Naquele momento eles eram todo-poderosos, os Bonapartistas ficaram consternados, aniquilados... Gambetta e companhia, aconselhados por seu próprio patriotismo e pelo de Thiers, tomaram o poder e o entregaram à Palikao - Estes retóricos, estes faladores de uma república ideal, estes bastardos de Danton, eles não ousaram. Eles se fizeram jus.

Desde aquele momento, tão propício e perdido para sempre, para os jacobinos, e não para a revolução social, tudo voltou para trás, com uma lógica desesperada. Há quinze dias, ninguém ousava pronunciar o nome de Napoleão, e se seus apoiadores mais devotados falavam dele, era apenas para insultá-lo. Hoje, isto é o que li em “La Presse” de 24 de agosto:

“O Imperador está em Reims com o Príncipe Herdeiro, com seu séquito, em uma encantadora vila da Sra. Sinard, a 4 quilômetros de Reims. É aqui que reside o Soberano! As outras Vilas do lugar são ocupadas por Mac-Mahon, pelo Príncipe Murat, etc. Os guias e os cem guardas acampam às portas do Castelo de la Molle, onde está o Príncipe Murat, etc., etc....

E aqui está o que diz o “Bund” - jornal semi-oficial da Confederação Suíça: “A direita (os Bonapartistas) parece querer enganar a população parisiense, até que os prussia-

nos venham sitiarem Paris. Então será tarde demais para fazer um movimento republicano - e mesmo que o Imperador não conseguisse manter a coroa, ela poderia ser passada para seu herdeiro”...

Ao mesmo tempo, o Príncipe Napoleon - Plomb plomb<sup>46</sup> - chega a Florença com uma missão extraordinária junto ao Rei da Itália, não da parte do ministério, mas diretamente de parte do Imperador Napoleão - como no passado - o que torna excessivamente difícil a posição dos jornais democráticos italianos que gostariam de tomar o partido da França revolucionária <ilegível> invadidos pelos soldados do despotismo alemão, e que não podem, porque ainda não veem uma França revolucionária, veem apenas uma França imperial, na qual existe o homem mais abominado da Itália, Napoleão III - Eis o que diz a respeito a Gazzetta di Milano de 26 de agosto:

“Os franceses continuam a evocar as gloriosas lembranças de 92. Mas, até agora, ainda não vimos nada na França que nos mostre estar vivo este grande povo que havia demolido a Idade Média, e o atual corpo legislativo representa ainda menos, nem mesmo em miniatura, aquele que soube criar a vitória em meio a tumultos e desencadeamentos revolucionários.

Como! Há quinze dias, ninguém ousa falar do Imperador, e se o faz, encontra a censura universal; há quinze dias, a Europa sabe que o Império caiu, fato que é confessado até mesmo pelos membros da família Imperial (parece que o Plomb Plomb se expressou neste sentido em Florença) - e este país generoso ainda não disse sua palavra, não construiu nada sobre as ruínas que foram feitas; ele deposita todas as suas esperanças em tal e qual indivíduo, não em si mesmo; e, enquanto isso, ele se submete a um governo que o administra em nome do Imperador, que o engana e o perde em nome do Imperador! - Com a melhor vontade do mundo, não podemos expressar

---

46 “Plon-plon” era o apelido de infância do príncipe Jérôme Napoléon, apelido utilizado mais tarde para o ridicularizar. A expressão “plomb plomb”, de pronúncia idêntica, associa o apelido ao chumbo (“plomb”) (N. dos E.).



nenhuma simpatia, nenhuma confiança neste país!”

Esses são os resultados aos quais levaram o patriotismo e o espírito político de Gambetta e companhia. Acuso-os do crime de alta traição contra a França, tanto no exterior como no interior, e se os Bonapartistas merecem ser enforcados uma vez, todos esses Jacobinos deveriam ser enforcados duas vezes.

Eles, evidentemente, traíram a França no exterior, porque por sua abnegação patriótica a privaram de um imenso apoio moral, - somente moral no início, mas muito material um pouco mais tarde. Se eles tivessem tido a coragem de proclamar a República em Paris, as disposições de todos os povos: italiano, espanhol, belga, inglês e até mesmo alemão teriam mudado imediatamente em favor da França. Todos, sem excetuar os alemães, a massa de trabalhadores alemães [Logo no início desta guerra, em todos os jornais socialistas alemães, em todas as reuniões populares realizadas na Alemanha, este pensamento havia sido aclamado unanimemente, “que se os franceses derrubassem Napoleão e sobre as ruínas do Império estabelecessem o Estado do Povo (Volskstaat) a nação alemã inteira seria por eles”] teriam ficado do lado dela contra a invasão prussiana. E é alguma coisa, este apoio moral de nações estrangeiras. Os jacobinos de 1793 sabiam disso, não duvidavam que este apoio constituía pelo menos metade de seu poder. - A revolução teria conquistado imediatamente a Itália, a Espanha, a Bélgica, a Alemanha e o rei da Prússia, preocupado com seu traseiro por uma revolução alemã mais ainda do que por um exército francês, teria se encontrado em uma posição verdadeiramente lamentável. Mas eles não ousaram, esses bastardos de Danton, e todos os povos, enojados com tanta tolice, covardia, fraqueza, não têm pela nação francesa nada mais do que piedade misturada com desprezo.

Os jacobinos traíram a França internamente, porque ao proclamar a república, sobre as ruínas do regime imperial, eles a

teriam eletrificado e ressuscitado. Eles não ousavam, acharam muito patriótico, muito prático não ousar nada, não querer nada, não fazer nada... e por isso mesmo, eles se tornaram culpados de um crime abominável: Eles deixaram de pé; sustentaram com suas mãos o edifício imperial que caía. Foram eles mesmos as vítimas de uma ilusão que prova sua tolice: porque todos ao seu redor haviam dito: “O Império caiu”, eles pensaram que realmente tinha caído, e acharam prudente manter o simulacro por mais alguns dias, a fim de conter o principal objeto de seu ódio: os revolucionários socialistas. Disseram a si mesmos: “Agora somos os senhores, sejamos políticos, práticos e prudentes, para impedir a fatal libertação do populacho vil!”

E enquanto raciocinavam assim, os reacionários, primeiro os Bonapartistas e com eles os Orleanistas, espantados de ainda estarem vivos, de não terem decorado as lanternas de Paris com seus corpos, respiraram, depois recuperaram a coragem, e considerando bem seus novos mestres, e percebendo que eram apenas professores de retórica e dos burros, acabaram por se sentar sobre eles. Eles têm toda a administração, a velha administração em suas mãos, todos os meios de ação, - e se é verdade que o Imperador viaja, o Império, o estado despótico e mais centralizado do que nunca, está de pé. E armados com toda essa potência, aumentada pelo impulso do patriotismo nacional desleal, eles estão hoje esmagando tanto Paris quanto a França.

Eles não ousaram colocar um cerco em mais do que - [A frase está inacabada]. E enquanto os jornais reacionários, como La Presse, por exemplo, exclamam hipocritamente: “Graças a Deus o povo francês tomou em suas mãos o cuidado da defesa do solo nativo... Os cidadãos chegaram a um acordo, consultam-se, organizam-se... Não é mais o governo sozinho que é responsável por cuidar dele, somos nós mesmos..”. a tripla encarnação daquilo que há de mais canalha no regime de Napoleão III: Palikao, Chévreau e Jerome David, serviram



fielmente nesta questão a todos os prefeitos e subprefeitos de Napoleão III, todos eles permaneceram no lugar, cobriram todo o país com uma rede de compressão mais reacionária do que nunca e o reduziram a uma imobilidade quase absoluta, a uma passividade não muito diferente da morte.

Foi assim que o patriotismo dos Jacobinos traiu e perdeu a França. - Sim, perdeu, pois se a revolução social, ou a sublevação imediata, anárquica do povo francês não vier para salvá-la, ela está perdida.

Palikao e Chévreau, diz-se, assim como o Comitê de Defesa de Paris com Trochu à frente, empregam uma atividade enérgica, admirável e incansável para a organização dos meios de defesa. Que seja - Mas não estão os prussianos, por sua vez, também se organizando com atividade e energia surpreendentes?

Pois, para os prussianos, não se enganam, assim como para os franceses, o resultado triunfante ou desastroso desta guerra é uma questão de vida ou morte. Ao falar dos prussianos me refiro naturalmente à monarquia, o rei e Bismark, seu primeiro-ministro, com toda aquela massa de generais, tenentes e pobres soldados que os seguem. É certo que a Monarquia Prussiana partiu para o tudo ou nada. Apostou seus últimos recursos de dinheiro e homens, os últimos recursos da Alemanha.

Se os exércitos alemães fossem derrotados, nenhum dessas centenas de milhares de soldados que puseram os pés em território francês voltariam vivos para a Alemanha. Portanto, eles devem vencer e triunfar até o fim para se salvarem. Eles não podem sequer retornar após vitórias infrutíferas, sem trazer consigo uma grande compensação material pelas imensas perdas que tiveram e que fizeram a Alemanha sofrer. Se o Rei da Prússia voltasse à Alemanha de mãos vazias, só com glória, ele não reinaria um dia, pois a Alemanha lhe pediria que respondesse por seus milhares e dezenas de milhares de crianças mortas, mutiladas - e das imensas somas gastas nesta guerra ruínosa e estéril. Não se enganem, a

paixão nacional dos alemães subiu ao seu mais alto nível, ela deve ser satisfeita, ou então cair. Haveria apenas uma maneira de desviá-la, e essa seria a revolução social; mas esse é um meio com que muito provavelmente o Rei da Prússia não se importa muito, e não podendo usá-lo, não podendo desviar a paixão patriótica, unitária e vaidosa dos alemães, eles devem satisfazê-la - e ele só pode satisfazê-la em detrimento da França, tirando dela pelo menos um bilhão, e duas províncias: a Lorena e a Alsácia, e impondo-lhe, para garantir contra sua futura vingança, uma dinastia, um regime e condições tais que ela ficaria enfraquecida, acorrentada e impedida de se mover por muito tempo. A imprensa alemã é unânime neste ponto - e ela tem mil vezes razão - que a Alemanha não pode fazer a cada dois anos sacrifícios indevidos para manter sua independência (contra a ambição da França). Portanto, é absolutamente necessário que a nação alemã, que pretende ocupar hoje a posição dominante da França na Europa, reduza a França precisamente ao estado em que esta potência manteve a Itália até agora - para torná-la um vassalo, um vice-reinado da Alemanha, do grande império alemão.

Tal é a situação do Rei da Prússia e de Bismark. Eles não podem retornar à Alemanha sem ter arrancado da França duas províncias, um bilhão, e sem ter imposto a ela um regime que lhes garanta sua resignação e submissão. Mas tudo isso só pode ser arrancado da França em Paris. Os prussianos são, portanto, obrigados a tomar Paris. Eles sabem muito bem que não é nada fácil. Assim, eles fazem esforços incríveis para dobrar seu exército, a fim de literalmente esmagar Paris e a França. Além disso, enquanto a França está se organizando, a Prússia também não está dormindo - ela também se organiza.

Vejam agora, qual destas duas organizações promete os melhores resultados?

Comece notando a respectiva posição e força dos exércitos envolvidos.

Bazaine fechado em Metz, não importa





o que digam, não tem – segundo a confissão dos jornais de Paris - mais de 120.000 homens. Acredito que ele mal tem 100.000 homens - mas vamos dar-lhe os 120.000 homens. Em que posição eles se encontram? Trancados em Metz por um exército de pelo menos 250.000 homens, (por dois exércitos: aquele de Príncipe Frederico Carlos e de Steinmetz que se reuniram e aos quais veio a se juntar o corpo de reserva de Herwart von Bittfeld (50,000 h.) e o exército do Norte comandado por Vogel von Falkenstein (pelo menos 100.000 - digamos 50.000) que juntos dariam 100.000 [ilegível] tropas frescas. E como no início da guerra, o Príncipe Frederico Carlos tinha 180.000 soldados e Steinmetz 100.000 - 280 mil no total - supondo que até mesmo a perda desses dois exércitos seja estimada em 80.000 homens, o que é enorme - deve-se concluir que o exército alemão, agora reunido em torno de Metz, é de pelo menos 300.000 homens. Mas suponhamos que sua força seja de apenas 250.000 homens. Isso certamente é o dobro, mais do que o dobro do tamanho do exército de Bazaine.

Bazaine não pode ficar em Metz por muito tempo, ele e seu exército morreriam de fome e eventualmente teriam que se render devido à inanição e à falta de munição. Ele deve absolutamente abrir uma passagem através do exército inimigo, duas vezes mais numeroso. Por duas vezes ele tentou e por duas vezes foi repellido. É evidente hoje que a última batalha de 18 de agosto, em Gravelotte, foi para os franceses um exército desastroso - Derrotados, desanimados, abatidos, mal organizados, mal administrados e mal comandados (pois toda a energia de Bazaine não podia desfazer em poucos dias o mal que o governo de Napoleão havia feito durante 20 anos - administradores ladrões e incapazes, oficiais corajosos mas ignorantes, coronéis cortesãos, não podem ser subitamente substituídos por outros, tanto mais porque não se saberia de onde tirar estes outros) já começam a sofrer com a fome, porque não há dúvida de que todo o exército fechado em Metz já está re-

duzido à porção congruente - os 100.000 de Bazaine estão na presença de 250.000 alemães, todos satisfeitos pela pilhagem da Lorena e da Alsácia e pelos imensos suprimentos de todos os tipos que removeram dos 3 corpos de Frossard, de Du Failly e Mac-Mahon (eles tiraram deste último até mesmo sua chancelaria, seu tesouro e sua carteira), impondo milhões de contribuições em dinheiro e imensas contribuições em provisões de todos os tipos aos habitantes das cidades abertas. Encorajados, exaltados tanto por este saque quanto por suas vitórias, os alemães, ao contrário, estão em uma excelente disposição. São comandados por excelentes oficiais, sábios, conscientes, inteligentes, aguerridos - e nos quais a ciência e a inteligência militar são combinadas com uma devoção e uma disciplina de escravos em relação a seu líder coroado. Eles marcham para frente como escravos exaltados, conscientes e orgulhosos de sua escravidão, opondo-se à brutalidade ignorante dos oficiais franceses a sua brutalidade inteligente e erudita. Eles são comandados por generais igualmente inteligentes, e principalmente dois deles, o General Moltke e o Príncipe Frederico Carlos parecem estar entre os primeiros na Europa. Além disso, eles seguem um plano que foi meditado por muito tempo, combinado e que eles não tiveram necessidade de mudar até agora - enquanto o exército francês, tendo sido liderado a princípio sem um plano, sem uma ideia, - reduzido ao extremo, deve criar um para si mesmo, inspirado pelo desespero - o que exigiria pelo menos genialidade, e nem Bazaine nem Mac-Mahon, por excelentes generais que sejam, não são homens de genialidade. Não sei se Moltke é um homem de genialidade; mas é óbvio em qualquer caso que, na ausência de gênio, os prussianos têm a seu favor o estudo e a preparação e a execução inteligentes de um plano estabelecido que seguem sistematicamente, combinando grande ousadia com grande prudência. Todas as probabilidades são, portanto, a favor dos prussianos.



Diz-se que o exército que se reformou ou se formou novamente em Châlons tem a força de 150.000 homens. Eu não creio que tenha mais de 100.000. Mas supondo a força de 150.000 - O exército do Príncipe Herdeiro que avança sobre Paris e que já penetrou em Châlons tem a força de 200.000 homens. Em todo caso, é superior em número ao exército de Mac-Mahon, é também superior por sua organização, por sua disciplina, e especialmente por sua administração - o exército de Mac-Mahon deve ter todas as desvantagens de um exército recém-organizado. Ele acaba de abandonar Châlons para caminhar por Reims, Mézières e Montmedy para salvar Bazaine - prova de que Bazaine está em uma posição muito crítica e agora é incapaz de se libertar.

Através deste movimento estratégico, como é gloriosamente dito nos jornais parisienses, Mac-Mahon descobriu Paris. E não há mais dúvidas de que o Príncipe Herdeiro está marchando resolutamente sobre Paris, deixando ao seu primo, o príncipe Frederico Carlos, a Steinmetz e a Vogel v. Falkenstein o cuidado de manter em cheque os dois exércitos de Bazaine e Mac-Mahon, uma missão da qual, sem dúvida, não deixarão de escapar com honra, pois os três exércitos alemães reunidos e agindo em conjunto, dando um ao outro a mão, apresentam um número de combatentes superior ao dos dois exércitos de Mac-Mahon e Bazaine, contados juntos, exércitos que além do mais estão separados e que muito provavelmente nunca conseguirão se unir.

Enquanto esses três exércitos alemães mantinham os dois exércitos franceses em cheque, o príncipe real à frente de 150 e provavelmente 200 mil homens, marcha sobre Paris, que tem, para se opor a ele, apenas 30.000 soldados regulares, 12.000 soldados da marinha distribuídos nos fortes e 80.000 guardas nacionais mal armados.

Espero que Paris lhe oponha uma resistência desesperada - e admito que é somente sobre essa resistência que estou atual-

mente apoiando minhas propostas, meus projetos. Mas também sei que os prussianos são tão inteligentes e cautelosos quanto são audaciosos, que nunca avançam sem cálculo e sem ter preparado todos os elementos do sucesso. Além disso, Paris não está em poder da reação - e só Deus sabe quantos trapaceiros e traidores há a esta hora no meio de Paris, no próprio coração do Governo! Quem sabe se os prussianos não têm inteligências em Paris?

Em todo caso, é óbvio que do ponto de vista estratégico, tático, em uma palavra, da posição militar, todas as vantagens estão do lado dos prussianos, todas as chances são para eles - a ponto de poder ser provado matematicamente, considerando sempre a questão apenas do ponto de vista exclusivamente militar, que ambos os exércitos franceses devem ser destruídos e que Paris deve cair nas mãos dos prussianos.

Deixemos agora de lado o ponto de vista militar e consideremos esta luta gigantesca entre dois grandes Estados que lutam pela hegemonia na Europa, entre os impérios francês e alemão, do ponto de vista econômico, administrativo e político. Não há dúvida de que esta guerra é tão ruinosa para a Alemanha quanto para a França; mas também é certo que a posição econômica da Alemanha, a esta hora, é mil vezes melhor do que a da França. Já por esta simples razão de que a guerra está sendo travada não na Alemanha, mas na França. Em segundo lugar, porque a Alemanha é cem vezes mais bem administrada do que a França, que está sendo saqueada neste momento tanto pelos alemães como por seus próprios ladrões, pela administração imperial.

A boa organização das novas forças, cujo treinamento será sem dúvida imposto por esta guerra tanto à Alemanha quanto à França, depende da bondade, honestidade relativa, inteligência, energia, saber-fazer, boa experiência e atividade das administrações. Bem, a administração é, ao conhecimento de todos, relativamente excelente, a administração francesa detestável. Esta última representa o máximo de desones-



tidade, pilhagem, descuido e inércia - a outra, ao contrário, representa o máximo de trabalho consciencioso, da honestidade relativa, da inteligência e da atividade. A administração francesa, financeiramente desmoralizada por 20 anos de regime imperial, está ainda mais desmoralizada pelos desastres que acabam de atingir a França e pela agitação popular que foi consequência em todo lugar. Ela foi anulada desde que o regime imperial caiu de fato, senão de direito. Ela não acredita mais em sua própria existência, é um salve-se quem puder geral - e no meio desta confusão suprema, ela perdeu o pouco de cabeça, de coragem e de energia que tinha e reteve apenas uma faculdade: a de mentir e pilhar. A administração alemã, ao contrário, é toda eletrizada, é mais honrada, mais inteligente, mais enérgica e mais ativa do que nunca - e opera não no meio de um país invadido, mas no meio de um país tranquilo, cheio de boa vontade, apoiado pelo entusiasmo da população. Portanto, é óbvio que criará em menos tempo, mais e melhor do que a administração francesa.

Do ponto de vista político, todas as vantagens estão também do lado dos alemães. Todas as antigas divisões do país desapareceram, evanesceram, diante do grande triunfo da Alemanha unitária. Os alemães estão cheios de entusiasmo, todos unidos no mesmo sentimento de vaidade e alegria patriótica. Esta guerra tornou-se para eles uma guerra nacional. É a raça germânica que, após tantos séculos de humilhação, está finalmente tomando seu lugar na Europa como Império dominante, quer destronar a França... Estejam certos de que os próprios trabalhadores alemães, enquanto protestam seus sentimentos internacionais, não podem se proteger contra as invasões deste contágio patriótico, desta praga nacional. Este entusiasmo que beira a loucura pode se tornar um perigo imenso para o Rei da Prússia se ele voltar derrotado, ou mesmo, após vitórias estereis, voltar de mãos vazias - se ele não arrancar da França a Lorena e a Alsácia, se ele não a

aniquilar e reduzir ao estado de vassalo da Alemanha. Mas nesse momento, é incontestável que esta exaltada disposição dos espíritos na Alemanha é de imensa ajuda para ele, permitindo-lhe extorquir dos alemães todos os soldados e todo o dinheiro de que possa necessitar para levar a bom termo suas vitórias e conquistas.

Na presença desta exaltação germânica, qual é a disposição das mentes na França? - É o abatimento, o desencorajamento, uma prostração completa. É o estado de sítio em toda parte, em toda parte as populações enganadas, incertas, inertes, paralisadas, acorrentadas...

Neste momento supremo em que a França só pode ser salva por um milagre de energia popular, Gambetta e companhia, sempre inspirados por seu patriotismo inseparável de seu burguesismo, permitem a esta turba Bonapartista, que detém o poder e toda a administração em suas mãos, matar de vez o espírito público na França. Gambetta e companhia, sempre por patriotismo, estão entregando a França ao inimigo.

Sente-se o desgosto, dá ânsia de vômito quando se lê as mentiras oficiais e as expressões do patriotismo hipócrita dos funcionários franceses. Aqui está o que li ontem na Gazzetta di Milano:

Paris, 25 de agosto - O Prefeito do Departamento de Marne anuncia que a parte setentrional do círculo de Vitry está ocupada pelas forças prussianas. Foram dadas ordens para se opor à marcha do inimigo por todos os meios possíveis. O patriotismo das populações também se une à execução das medidas prescritas, que serão dirigidas pelos oficiais de engenharia - etc, etc.

Assim, aqui é aonde chegamos: o prefeito de um departamento, abandonado pelo exército de Mac-Mahon, frente à invasão de 200.000 prussianos - declara que tomou medidas para deter este formidável exército - e que o patriotismo das populações também ajuda um pouco na execução das medidas enérgicas que ele acaba de prescrever!



Se não é uma bobagem desprezível, nojenta e desavergonhada!

Apesar da evidente inferioridade dos dois exércitos franceses, teria havido uma maneira segura de deter o inimigo e não permitir que ele se aproximasse nem mesmo das muralhas de Paris. Se alguém tivesse realizado o que os jornais de Paris haviam dito no primeiro momento de desespero; se, assim que a notícia dos desastres franceses tivesse chegado a Paris, em vez de proclamar o estado de sítio de Paris e de todos os departamentos do Leste, se tivesse provocado o levante em massa das populações desses departamentos, se não se tivesse feito dos dois exércitos o único meio de salvação, mas dois pontos de apoio para uma formidável guerra de partidários, de guerrilheiros, de bandidos e bandidas se fosse necessário - se todos os camponeses, todos os operários, tivessem sido armados, dando-lhes foices na falta de fuzis - se os dois exércitos, deixando de lado toda a morgia militar, tivessem se colocado em relações fraternais com os corpos francos inumeráveis que se levantariam ao apelo de Paris, para se apoiarem mutuamente, então, mesmo sem a ajuda de todo o resto da França, Paris seria salva, ou pelo menos o inimigo seria detido por tempo suficiente para dar os meios a um governo revolucionário para organizar forças formidáveis.

Mas, em vez de tudo isso, o que vemos ainda hoje, na presença de um perigo tão terrível? Você sabe que, já há algum tem-

po, os jornais reacionários, como o *La Liberté*, vêm clamando pela abolição da lei que proíbe o livre comércio de munições e armas, tornando-o um monopólio que o governo concede apenas a alguns homens privilegiados e seguros. Estes jornais diziam, com razão, que esta lei, que tinha sido ditada pela desconfiança e que tinha apenas um propósito, o de desarmar o povo, tinha como consequência: a inferioridade das armas, a ausência de armas e a extrema falta de costume do povo francês ao manuseio de armas. Um deputado da esquerda, Ferry, tendo proposto um projeto de lei, abolindo esta tão desastrosa restrição da liberdade comercial, a Comissão do Órgão Legislativo, nomeada como todas as comissões pela maioria Bonapartista, recomendou à Câmara que rejeitasse a proposta de Jules Ferry. Este é o espírito que os anima ainda hoje... Não é óbvio que eles têm a traição em seus corações?

Vou resumir esta parte da minha carta. De tudo o que acabo de dizer e provar, resulta evidentemente:

Primeiro: que os meios regulares, que os exércitos regulares não podem mais salvar a França.

Segundo: Que ela não pode mais ser salva, exceto por uma sublevação nacional.

Em minha terceira carta, provarei que a iniciativa e a organização do levante popular não podem mais pertencer a Paris, que isso só é possível nas províncias. #



O Arquivo Bakunin é uma plataforma mantida e atualizada em parceria com o Projeto Obras Completas de Mikhail Bakunin, desenvolvido entre editoras, pesquisadores e militantes do movimento social e político no Brasil. Além disso é um projeto colaborativo, você também pode contribuir com o sucesso dessa jornada!

**SAIBA MAIS EM:**

[www.arquivobakunin.org](http://www.arquivobakunin.org)  
instagram: @arquivobakunin